



TIO FLÁVIO

**PARTE
DO QUE
SOMOS**

PERSISTIR, DESISTIR, RESISTIR: EXISTIR



PARTE
DO QUE
SOMOS

PERSISTIR, DESISTIR, RESISTIR: EXISTIR

Copyright © 2024 by Tio Flávio

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

1ª Edição

Primavera de 2024

Capa: Cris Souza Fontès

Diagramação: Leninha Sousa

Revisão: Tio Flávio

Edição Geral: Arte Impressa Editora

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Impresso no Brasil em Outubro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flávio, Tio
Parte do que somos : persistir, desistir,
resistir: existir / Tio Flávio. -- 1. ed. --
Jaboticatubas, MG : Arte Impressa Editora, 2024.

ISBN 978-65-6145-020-1

1. Ficção brasileira 2. Psicologia na literatura
I. Título.

24-232945 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ARTE IMPRESSA EDITORA
www.artepressaeditora.com.br
clubearteimpressa@gmail.com
Publique seu livro conosco!



Agradecimentos

Aos meus pais, responsáveis por boa parte do que eu sou;

À minha irmã Maria Cristina e aos meus irmãos Luiz Ricardo e Chiquinho, assim como a toda a minha família;

Aos meus amigos, tão queridos e necessários, que conhecem muitas das partes que me compõem;

Aos amigos da FBAC, de todas as APACs e, em especial, à APAC de Manhauçu. Devo isso a eles. No fim do mês de agosto de 2024, em meio a um desabafo sobre um desânimo, recebi um abraço de cada recuperando;

Ao Conselho da Comunidade da Comarca de Igarapé, por ser parceiro em tantas histórias;

Aos Juízes, Defensores e Promotores que têm ciência do nosso trabalho nas unidades prisionais e nos apoiam, assim como aos diretores das unidades onde atuamos;

A cada pessoa privada de liberdade que compartilha comigo uma parte de si;

Aos gestores voluntários e aos voluntários do Tio Flávio Cultural, a quem eu devo boa parte do que eu aprendi nesta vida;

Aos meus alunos e ex-alunos; Aos clientes que contratam as minhas palestras, fonte do meu sustento;

A todos os movimentos e coletivos sociais, organizações da sociedade civil e voluntários desse nosso grande território nacional;

Em especial, a todos os professores que, assim como eu, acreditam na educação.

"Sou professor, filho de professora, irmão, primo e sobrinho de professoras. E o que todo professor também é? Aluno, sempre."



Pedaços de mim

Bráulio Bessa

Veza por outra a vida bate,
e como ela tem batido...
Quando a pancada é de jeito
me vejo no chão, caído.
Nessa hora me refaço,
renasço em cada pedaço
daquilo que foi partido.
Sei que uma só semente
não faz brotar um jardim.
Talvez se despedaçar
nem seja assim tão ruim.
Se um de mim já é forte,
não há um mal que suporte
vários pedaços de mim.



Olhos d'água **Conceição Evaristo**

Achava também que qualquer vida
era um risco e o risco maior
era o de não tentar viver.

livro: Olhos d'água

Da felicidade **Mário Quintana**

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura
Tendo-os na ponta do nariz!

Apresentação

Vejo fluir pelo teclado e pela tela do computador a alegria e a dor de quem um dia conheci. Meus relatos, minhas histórias, não são tão meus assim. São olhares postos no outro, como quem distante observa, como se ao contar para mais gente, a dor do outro conheça o fim. Sei que não é bem assim, mas ao comunicar a dor do outro, quem lê pode se identificar, criando uma empatia que depura aquilo que há de melhor em cada um de nós.

O título deste livro veio de um fato que me aconteceu ao longo destes anos de educação e voluntariado, quando, por volta de 2015, fui dar uma palestra numa unidade socioeducativa para adolescentes em conflito com a lei. Animado em levar a eles um novo mundo, que na minha cabeça parecia tão bem desenhado, falei que eles deveriam sair do crime, algo que eu acredito com convicção. Um adolescente sentado logo à minha frente, braços cruzados e pernas estiradas, levantou a mão. Ele era um menino compenetrado, que observava mais do que falava. Ele disse: “Com todo respeito, professor, mas o que o senhor sabe da minha vida? O que o senhor está vendo aqui é só uma parte de mim.”

Respirei, pensei, desconversei, segui.

Saí dali pensando que é obvio que eu queria que ele sáisse do crime. Talvez a sua mãe pense assim e até ele também. Só que eu não ajudaria ninguém simplesmente chegando ali e apontando o dedo. Foi o C. S. Lewis quem me ensinou: “A tarefa do educador moderno não é derrubar florestas, mas irrigar desertos”. Para isso, eu preciso conhecer a floresta e o deserto em cada um. Eu tinha que entender contextos. É muito fácil dizer a alguém o que fazer, mas é raso demais querer falar sem conhecer as histórias que compõem as pessoas, seja ali, num ambiente de privação de liberdade, seja num relato de uma esposa e mãe que, vítima de violência doméstica, não abandona a casa e o marido agressor. Quando a mulher é capaz de romper aquele vínculo, parece que consegue enxergar com mais nitidez e reconhecer a si própria quando se olha em um espelho.

Eu também não sei o que é uma mãe que tem um filho atípico e que, muitas vezes sozinha, chora escondida enquanto o mundo cobra que ela seja guerreira, com a armadura no corpo e espada na mão, sempre, sem a possibilidade de sucumbir nas batalhas. Por mais que eu ouça histórias, não faço ideia do que é ser tirado de casa para ter que viver numa casa de acolhimento, onde a premissa é que ali a criança estará protegida. Compreendo que a proteção é necessária, mas não ignoro o choro de saudades da criança.

Eu não sei o que é ter que ir para uma casa de idosos, levando consigo histórias construídas e vínculos rompidos, deixando para trás as chaves de uma casa, com quintal florido pelas orquídeas e um fogão de onde saíram as comidas preferidas dos filhos e netos. E agora, aquela senhora divide o

quarto com outras duas idosas, ambas sem consciência do tempo atual, numa casa em que as chaves não estão ao seu alcance mais. Eu não sei o que é deitar-me numa calçada da rua e fazer dali a minha morada, em dias quentes, chuvosos e frios.

Este livro é sobre fragmentos. De fora, alguns veem apenas parte do que somos de fato. Em anos de voluntariado, aprendi também que as mudanças que ganham força em nossas vidas ninguém consegue fazer por nós. Elas vêm de nós, partem do que somos. Partem de mim e do que sou.

Quando escrevi um dos textos deste livro e mandei para a minha mãe ler, já que falava sobre o meu pai, ela retornou em mensagem escrita dizendo que gostou muito, mas que eu abreviei o meu pai à doença que ele teve e que eu deveria ter escrito o pai que ele foi. Respondi a ela que o livro tinha este propósito, de mostrar um pedaço, um caquinho daquele grande mosaico, mas que cada personagem que retratei é muito mais – mas muito mais mesmo – do que aquilo que foi posto. Espero que ao ler este livro ela entenda que parte do que eu sou devo muito ao excelente pai que tive e à mãe maravilhosa que ela é.

Prefácio

Luciene Albuquerque

É preciso conhecer um pouco do autor para compreender a sutileza e, ao mesmo tempo, a profundidade do que é tratado neste livro.

Conheci o Tio Flávio por volta do ano de 1990. Como muitas pessoas, eu também o conheci dentro de uma sala de aula, em uma Universidade de Belo Horizonte. Não como a maioria das pessoas o conhece, como um “baita” professor que é, mas ainda como aluno. Desde aquela época ele já se distinguia de seus colegas, não só pela sua postura proativa, maturidade, liderança, coragem, energia empreendedora, vontade de realizar, mas especialmente pela sua percepção e sensibilidade aguçadas. Naquela época, e até hoje, o que mais me surpreende e me encanta nele é a sua vontade e perseverança de transformação pelo conhecimento. Acredito que ele tenha sido mordido, ainda muito jovem, pelo “bichinho” da mudança. Apesar dele ter escrito na parte dos agradecimentos deste livro que “em um momento de desânimo recebeu abraços de cada recuperando”, posso atestar que o Tio

Flávio nunca demonstra desânimo. Desde sempre, ele é aquele cara que não se conforma com a dor do outro, com a situação difícil que o próximo está passando, fazendo a sua parte e movendo, através da sua liderança contagiante, centenas de outras pessoas a fazerem a diferença na vida de outras.

Só mesmo uma pessoa com a credibilidade do Tio Flávio, articulado com uma rede incrível de pessoas e instituições, respeitado por todos com que se relaciona e com a habilidade de um “encantador” de pessoas, seria capaz de transitar em tantos lugares, meios e ambientes, extraíndo histórias de vida tão diversas, que emocionam e provocam profundas reflexões.

Através do próprio título do livro percebe-se a sutileza e a profundidade das mensagens extraídas das histórias vividas e contadas neste livro. Tio Flávio não ouviu os relatos das pessoas, ele “sentiu”. E é por isso que eles nos emocionam.

Ao ler cada relato do livro me lembrei várias vezes de uma estratégia que usei para ensinar minha filha, quando ela ainda era bem pequena, que tudo na vida tem pelo menos dois lados. Eu mostrei para ela uma daquelas bolas plásticas multicoloridas e perguntei que cor ela enxergava aquela bola e ela respondeu: “azul”. Então eu girei a bola e mostrei para ela o outro lado, o lado que eu estava vendo, que era vermelho. Assim ela pode perceber que as coisas têm dois lados ou mais, dependendo do lado que enxergamos, ou que nos é mostrado. Acrescentei para ela que nem tudo é totalmente ruim; tudo e todos têm um lado bom. E depois de algum tempo, mas quando minha filha ainda era criança, eu tive a certeza que ela, realmente, havia assimilado a essência daquela nossa conversa, quando ela me viu chorando e me perguntou: “Mamãe você esqueceu que a bola tem dois lados? ”

Dependendo do ponto de vista que enxergamos algo, alguém ou um fenômeno, tiramos conclusões diferentes sobre aquele algo, alguém ou um fenômeno. E é bem interessante como o nosso ponto de vista muda, se amplia ou diminui, conforme a experiência de vida de cada um. Chamo essa experiência de vida de bagagem ou mochila da vida, onde carregamos as pedras, os espinhos e as flores que colecionamos e carregamos ao longo de nossas vidas. Através dessa bagagem é que somos capazes de usar mais ou menos lentes, que nos ajudam a perceber outras “partes do que somos”, outras partes de cada ser humano. Além disso, o livro nos remete a uma outra perspectiva; que as pessoas que encontramos na vida também carregam suas mochilas. E nem sempre suas mochilas estão abertas para que possamos enxerga-las e compreendê-las integralmente. Muitas vezes, apenas um feixe de um compartimento da mochila do outro está visível. Ressalta-se que os casos aqui narrados, “vivididos” pelo Tio Flávio, nos estimulam a não duvidar que “De fora, veem apenas parte do que somos, mas não o que somos de fato”.

Este livro nos convida a refletir como tudo na vida tem duas, três, ou muitas facetas, inclusive cada um de nós. Que a mensagem aqui contida seja uma fonte de reflexão e inspiração para você leitor.

Luciene Albuquerque sempre foi pioneira. Integrou a primeira turma de mulheres da Polícia Militar de Minas Gerais, foi a primeira mulher a comandar uma tropa masculina no Brasil e a primeira a comandar um Batalhão. Foi subchefe do Estado Maior e atingiu a patente mais alta da corporação, como coronel da PMMG. Atualmente é voluntária do Tio Flávio Cultural.

Sumário

Uma menina	15
Agora! E não apenas na hora da nossa morte	23
O meu lugar	27
Quando os olhos de um pai se fecham	32
Silêncio	36
Toda vez é a mesma coisa	39
Eu vivo na rua, mas não nasci aqui.....	44
Você tem que sair de casa	51
Eu só preciso de paz.....	57
Histórias em movimento!	61
Num acidente entre dois ônibus.....	65
O “eu te amo” de uma mãe é medicinal!	70
Um chamado da alma.....	74
Por fim.....	78

Uma menina

Ela era muito nova quando descobriu sua gravidez. Tinha 14 anos de idade, vinda de uma infância que não havia sido das melhores. As lembranças do passado eram as mais tristes, com abusos em sua própria casa, o namorado da mãe que a assediava com a conivência, disfarçada de ignorância, de quem era da família.

O susto da maternidade já seria uma dura realidade, que foi ampliado quando a médica anunciou que seria um casal. O pai das crianças estava sumido no mundo, tinha o hábito de aparecer quando bem entendia, buscando uma mulher para satisfazer seus desejos carnavais. Mas ela não via a situação desse jeito. Na cabeça dela, ele a amava, mas era diferente de todo mundo, pois não queria ficar perto, apesar do amor.

Foi nesse contexto aí que nós nascemos, eu e minha irmãzinha. O nosso pai não apareceu por um bom tempo. Lembro quando eu tinha meus seis anos e ele chegou, fedido de cachaça, sujo de uma surra que levou numa briga, gritando palavrões e batendo na minha mãe. Eu estava na cama com a minha irmã, quando ele jogou nossa mãe ali, do nosso lado, e veio pra cima dela. Eu e minha irmãzinha tínhamos combinado de chorar, para ver se o espantava, mas a fúria dele foi sendo

alimentada por cada berro que a gente dava e pelas recusas da nossa mãe.

Nós só ouvimos os tapas, os gritos, os palavrões e a porta bater.

Deu certo, ele foi embora, mas deixou minha mãe com as roupas rasgadas, chorando, segurando a sua calcinha entre as pernas. E acho que foi por causa desse dia que ela começou a engravidar, pois uns meses depois ela foi engordando, escondendo a barriga de todos, chorando cada vez mais. Tinha dia que ela não suportava a mim e à minha irmãzinha. Mas, pior mesmo foi quando o nosso irmão nasceu. Parecia que ela via nele o rosto do nosso pai, que ela não suportava mais e que naquela noite fez brotar nosso irmãozinho dentro dela.

Quando a gente ainda era criança, minha mãe também era. Acho que por ela não ter tido tempo de brincar em sua infância, e agora tendo três bonequinhos de verdade para cuidar, muita coisa foi se acumulando dentro dela. Eu não sei, pois se ela disse alguma vez, eu esqueci, mas acho que ela se arrepende de ter tido três filhos, de ter começado tão cedo, de não ter nascido de uma mãe que amparasse as suas dores e de um pai presente, de não ter conhecido nenhum homem que não só quisesse vê-la nua, sendo que ao revelar o corpo, visto como um pedaço daquelas carnes penduradas num gancho, lá no açougue, ela ocultava sua feminilidade, sua infância roubada, seus sonhos, suas alegrias de menina e seus desejos de mulher.

Nossa mãe era vista somente como um pedaço de carne para cada homem que entrava naquele quarto. Eu e meus irmãozinhos ficávamos do outro lado da cortina, no mesmo cômodo. Curiosamente, eram muitos que entravam por dia. A

gente chorava, chorava, mas no final daquele dia tão cansativo, ela vinha, pegava os três e levava para o supermercado. Quanto mais homem entrava no quarto da minha mãe, mais Danoninho a gente comia neste dia. E tinha salame; pão fresquinho, que até suava a sacola; manteiga de pote grande; suco de fruta de saquinho e, em dias de muitos amigos, até Fanta a gente tomava.

É estranho que o fato dela ter tantos amigos fez com que ela se sentisse cada vez mais sozinha. Eu bem que penso em não ter amigos. Não vou ter, acho que é melhor assim.

Um dia comum, como todos os outros, uns homens e umas mulheres, cheios de papel na mão, estacionaram o carro lá na frente do lote em que a gente morava, bateram palmas e foram entrando. Nossa casa era no fundo, mas dividia o terreno com um tanto de outras casas. Só pra explicar: casa é modo de dizer. Os homens e as mulheres foram direto na nossa porta. Não tinham cara dos homens que vinham todos os dias, a não ser um deles. Falaram alguma coisa com a nossa mãe, ela chorava, mas era um pranto diferente. Foi aquele dia que eu conheci a saudade da minha mãe: justo no primeiro dia em que tiraram a gente de perto dela.

Eu e meus irmãozinhos fomos para uma casa cheia de criança e de gente adulta. Tinha tanta comida. Era tanto brinquedo que, mesmo que a maioria estivesse quebrado, a gente nunca teve tanto brinquedo junto. Tinha visita de um monte de gente, tinha árvore de Natal, tinham roupas usadas, mas mais novas do que as que trouxemos nas nossas sacolas, que vieram lá de casa. Tinha um monte de quarto, três banheiros, quintal com árvore, cozinha com uma mesa imensa que parecia que não ia acabar nunca. Tinha um pedaço de

jardim que uma moça, estudante de alguma coisa, ensinou a plantar horta. Tinha bola, tinha cachorro de verdade e de mentira. Só não tinha a nossa mãe.

Nós fomos crescendo ali, e nossa mãe visitava a gente de vez em quando, mas os outros meninos disseram que só sairíamos dali se alguém nos adotasse. E que ainda podia acontecer de uma família não querer os três e que iam separar a gente. Eu ria deles e dizia: eu já tenho mãe! Mas eu ouvi, lá na cozinha, as tias da comida dizendo que “a coisa foi feia”. Um dos clientes da nossa mãe tinha esfaqueado ela e ela não resistiu, disse uma das mulheres. E eu nem sabia que minha mãe vendia alguma coisa pra ter cliente.

Depois de crescido é que fiquei sabendo que, com a nossa saída de casa, ela não deu conta e começou a ficar estranha. Nem parecia ela ou que algo dela ainda vivesse naquele corpo. Foi presa, não sei o porquê, emagreceu muito, andava pelas ruas como um zumbi e devia umas “pedras” para uns homens ruins. Acho que os homens precisavam das pedras de volta e nossa mãe não tinha como devolver. Eu acho, e falei com os meus irmãozinhos, que essas pedras que nossa mãe devia eram as que ela tinha usado para construir uma casa pra gente voltar a morar com ela. Só que os homens eram ruins e não deixaram a nossa mãe terminar.

Naquela noite, nossa mãe não resistiu. De verdade, eu acho que ela já tinha resistido muito. De tanto resistir, acho que ela desistiu.

Eu fui crescendo, mas uma revolta que existia dentro de mim cresceu mais rápido. Fugi do abrigo para matar o homem que matou a nossa mãe, pois eu tinha que pegar as pedras de volta e continuar a construir a casa para levar os meus

irmãozinhos pra morar comigo. Nossa mãe dizia sempre que eu era o homem da casa.

Na rua, eu não tinha onde morar. Fiquei numa lataria de carro abandonado, dividindo aquele espaço com o lixo e os ratos, mas pelo menos eu não tomava chuva. Uns adolescentes me chamaram para ganhar dinheiro. Como o que eu comia era o que vinha das doações que o povo me dava na porta do supermercado, resolvi aceitar a proposta. Era fácil, eu tinha que vender uns chaveiros artesanais no semáforo, entregando um papelzinho que dizia que a gente era uma família pobre, grande e que precisava da ajuda de pessoas de bom coração. Quando perguntassem sobre minha mãe ou meu pai, apontava pra mulher que pegava o dinheiro da gente e nos pagava, diariamente. Ela não era a minha mãe, e, de tão ruim que era, acho que não devia ser mãe de ninguém. Mas eu era bom nas vendas, por isso ela me tolerava, apesar de me ameaçar todos os dias.

Um dia, voltando pra carcaça do carro onde eu morava, vi dois policiais colocando uns meninos em pé, de costas, na parede. Os homens gritavam e ameaçavam e ninguém podia fazer nada. Como não estavam conseguindo o que eles queriam, um policial foi na viatura, pegou uma sacolinha e disse para o maior que aquela sacola era dele. Mas não era; eu vi que não. Eu queria ir lá, mas o meu impulso foi antes da minha vontade. Peguei uma pedra, joguei no policial que estava mentindo. No susto, todos os meninos saíram correndo. Estava escuro, só um poste iluminava aquele lugar, eu corri mais do que as minhas pernas tinham preparo e todos nós conseguimos sair das mãos daqueles homens.

É engraçado: lá no abrigo havia um voluntário que era sargento. Ele levava os filhos para brincar com a gente e nos tratava como seres humanos. Os policiais que estavam ali, naquela noite, não pareciam com o sargento. E olha que nós já vimos o sargento de farda, um dia que a gente foi a um desfile no centro, com todos os meninos do abrigo. Até entrei numa viatura.

Depois daquela noite não tinha mais como eu dormir no carro. Eu ia ter que ficar na rua, se não fossem os meninos que a polícia tinha abordado, que me agradeceram, me levaram para conversar com um moço, que tinha um nome engraçado, mas que eu não vou falar aqui. Foi esse moço que me deu casa, comida e trabalho. Agora eu tinha uma função. Quando cresci um pouco mais, ele me deu uma arma. Cresci mais ainda, ganhei uma esquina só pra eu cuidar, com três funcionários trabalhando pra mim. Esta parte da minha vida eu nem vou contar aqui. Foi quando eu conheci a fama, dinheiro, mulherada, droga, moto da hora, ‘respeito’. Finalmente eu era livre, não devia nada a ninguém, só ao meu patrão, e ainda tinha um monte de gente que tinha medo de mim.

Livre, livre, livre até trocar tiros com um “alemão” e tirar a vida daquele verme. Eu fiz um bem pra humanidade naquela noite. Uns dias depois eu fui lá na creche de um bairro perto do meu, buscar o meu filho, que já tinha cinco anos. A mãe do meu filho, que me ama e me odeia — diz ela —, teve que ir ao médico, e a tarefa sobrou para mim. Meu menino estava triste, pois o melhor amigo dele estava triste. Ele falou que estava com medo de me perder. Fiquei de cara com a conversa daquele moleque de cinco anos de idade. Só podia ser meu filho, mesmo. Tinha amadurecido mais que os da idade dele.

Meu filho não costumava chorar, mas tinha um lamento sofrido. Ainda mais para uma criança de cinco anos. Perguntei o que tinha acontecido com o coleguinha, se alguém tinha batido nele, ou chamado ele de apelido ou palavrão. Ele só me respondeu que o amiguinho estava triste porque tinha perdido o pai numa briga. Um homem ruim deu uns tiros nele e ele morreu.

— “Isso aqui é normal, filho. E todo mundo vai morrer”. Eu disse isso sem nem pensar no que eu estava falando. E sem saber que o pai daquela criança tinha sido morto por um tiro disparado pela arma que estava na minha cintura e por aquela mão que consolava o meu filho.

Pra mim, era só um verme. Para uma criança, era o pai. Um dia pode ser o meu filho chorando a minha perda também, já que nesse mundo, nesse em que eu vivo, e que sonho que meu filho nunca experimente, a arma que te protege hoje, entra sorradeira pela porta da frente pra colocar o ponto final na sua história.

Eu nunca parei para pensar que os vermes têm filhos, que eles têm mães, avós. Só que não vou ficar bolado, não. O problema é deles, a culpa é deles. Eles é que não pensaram nisso. Eu só fiz o que tinha que fazer. Vou viver a minha liberdade. Eu sou livre?

Meu pai nunca mais voltou. Não quero que volte.

Meu irmão mais novo morreu.

Minha irmã hoje é professora.

As mães dos meus filhos mereciam um homem melhor.

E eu? Eu só quero ser um bom pai, mas eu nem sei o que é isso. O que eu aprendi foi com o que eu nunca tive.

O que eu fiz não se apaga. O que me fizeram não se apaga. O que eu vou fazer não vai ser fácil; nunca foi, mas é preciso.

Para quebrar um ciclo de abandono, resolvi que meus filhos terão um pai, não será o melhor, mas vai ser o melhor que eu puder. Esta decisão me apresentou várias “portas na cara” e muitos “nãos”. Mas, se você é pai, acho que vai me entender: não tem nada melhor que o abraço de um filho, ainda mais quando o abraço encontra os dois vivos.

Agora! E não apenas na hora da nossa morte

Por onde circulava, ele causava euforia. Nas universidades, onde sempre era convidado para palestrar nos grandes eventos, falava com clareza das ações de comunicação daquela organização para a qual trabalhava, dizia do crescimento internacional da empresa e das longas viagens que eram necessárias para que a equipe brasileira alinhasse o pensamento e a cultura com os times dos demais países.

Com um paletó desportivo, calça impecável e sapatos caros, ele também podia ser visto em entrevistas televisivas e estampava os jornais de grande circulação. Foram trinta anos de empresa, a maioria deles sendo paparicado. Tinha boas relações com executivos de outras organizações de segmentos diversos. Dirigia a comunicação de uma empresa mineira, presente em vários países, até o dia em que foi comunicado do seu desligamento. A empresa fora vendida e queria “sangue novo”.

Com o prestígio que carregava, montou uma consultoria em comunicação empresarial. Chamou os melhores profissionais do mercado e desenhou algo que tinha tudo para

dar certo no que tange aos negócios. E por um tempo foi um sucesso. Só que ele não contava com uma doença que chegaria impávida, como “Muhammad Ali”, assim como canta Caetano, e que o submeteria a uma série de tratamentos.

Uma rotina de medicamentos fez aquele homem não aproveitar sua nova empreitada, muito menos a sua forçosa aposentadoria. Era uma rotina diária em clínicas e laboratórios que o levaram a definhar. Ele se afastou da mídia, das palestras, das pessoas. Os amigos o visitavam, depois passaram apenas a ligar e, enfim, só mandavam mensagens. Todos entendiam que o tempo é um carrasco para muitos e, com tantos afazeres, os que ainda iam visitá-lo foram se afastando. Não que eles devam ser culpados por isso, cada um tem sua vida para cuidar, mas o homem sentia a dor da solidão e do abandono. Logo ele, de agenda cheia, sala cheia, casa cheia.

O que lhe sobrou foram os livros, que lia incessantemente, talvez por tentativa de fuga. A biblioteca, que antes era de livros de negócios, começou a receber obras da filosofia e que falavam do sentido da vida. Ele também se interessou muito sobre temas ligados à finitude. A doença continuou tirando dele o movimento, a respiração, a vontade de se alimentar. A visita dos filhos e das netas era regular e eram os melhores dias da sua vida.

O motorista da empresa, que o levou para reuniões, palestras, aeroportos, jantares e festas, também se aposentou. Queixava-se da diabetes, do cansaço, da falta de dinheiro. E ria-se todo ao falar dos netos, que moravam com ele e o chamavam de pai. Eram o seu xodó. O motorista tinha tanto hábito de conversar com aquele homem que, para ele, era um prazer ir duas vezes por semana visitá-lo, dar uma volta com a cadeira

de rodas para que ele pudesse se aquecer ao sol e ajudá-lo a ir ao banheiro.

Num dia, que mais parecia uma despedida, o homem teria dito ao velho amigo e motorista que teve uma vida feliz, pois fama e dinheiro eram de fato o que ele queria. Não reclamava de nada. Mas, se alguém perguntasse a ele o que teria feito de diferente, ele responderia, com o aprendizado da maturidade, que a sua vida inteira. “Ninguém largaria as viagens a trabalho e o tanto de reuniões que eu tinha para ser feliz, pois acreditava que aquela era a única felicidade possível. E era, naquele contexto”, disse e continuou: “Sem dúvidas que tudo que adquiri, veio dessa minha dedicação ao trabalho”.

O que parecia uma despedida de fato foi. No velório, muita gente lamentava aquela morte, os jornais diziam sobre aquele grande homem. Velhos políticos compareceram, executivos, pessoas da mídia. Saudaram aquela trajetória e fizeram o que tinham que fazer: se foram.

Logo após a descida do corpo, com o boné nas mãos e chorando, o motorista, que também era amigo, estava reflexivo diante daquele tanto de coroas de flores. Os filhos do homem chegaram até ele, agradeceram o carinho dedicado ao pai por longos anos. Um dos filhos tirou do paletó um bilhete, escrito sabe-se lá por quem, mas ditado pelo homem. “Ele pediu para que te entregasse logo após ser enterrado”, disse a filha, chorando muito e abraçando-se ao velho amigo do pai. “E disse mais: para que você não o leia aqui”.

O velho amigo foi para casa, brincou com os netos, passou um café, sentou-se no alpendre da sua casa, na grande Belo Horizonte. Olhando para o céu, agradecia a Deus por ter tido um emprego digno e um chefe que o tratava como a um irmão.

“Que Deus, na sua infinita bondade, receba este homem digno”, orava em pensamento. Seu neto veio correndo, encostou em suas pernas e disse: “pai, eu te amo!” e começou a beijar aquela mão cheia de marcas, que descansava sobre as pernas. O neto que ele tanto amava era um dos melhores presentes de sua vida. A vida lhe dera outros tantos presentes, cada qual com sua importância incomparável.

Mais tarde, o velho resolveu abrir o recado, que continha uma citação curta, entre aspas, do russo Liev Tolstói: “um metro e oitenta, da cabeça aos pés, era o que bastava”. E, logo abaixo deste pensamento, vinha: “O escritor estava certo. Na hora da morte, é só disso que precisamos. Em vida, fama e dinheiro são ambição pequena. Queira amor, que para sempre ter, há de se dar sempre. Foi sua amizade que me fez rico. Te amo, amigo.”

O meu lugar

– Este lugar é o meu.

– Boa noite, senhor. Como assim, este lugar é seu? Eu acho que eu comprei foi esta poltrona mesmo. Espere um pouco, deixa eu dar uma olhada pra ver se eu me enganei.

– Lógico que errou. Está se fazendo de boba, é? Eu só viajo na janela e comprei este lugar com antecedência para não precisar passar por isso. Vocês são todos iguais.

– Eu acho que eu não entendi. Quando o senhor diz “vocês”, está se referindo a quem?

– Vocês de cor.

– Olha aqui, meu senhor, vou te respeitar pela idade, mas o senhor acabou de cometer um crime.

– Crime quem cometeu foi quem deixou vocês livres. Quem deixou vocês viverem.

Neste momento, a situação já começa a perder o controle. Aquela mulher reforça a gominha que prende seu cabelo, tira o cinto de segurança, arruma a blusa, puxando-a para baixo, apoia-se no encosto da poltrona da frente, levanta-se e fica na altura do pescoço do homem. Ele, com uma bolsa pendurada

em um dos ombros, rosto branco-rosado, cabelo meio grisalho e desalinhado, dentes amarelados e um mau hálito, já estava esbravejando antes de ela se colocar de pé diante dele.

– O senhor retira o que disse, pede desculpas, ou, senão, vou chamar a polícia.

– Chame. Chame mesmo, para eles virem te tirar da minha poltrona e desse ônibus.

– Tenho o mesmo direito de viajar que o senhor. Aliás, paguei pela minha passagem, deixa de ser trouxa, ordinário e se retrate.

Enquanto isso, alguns passageiros se aproximavam. Uns ouviram e fingiram que não; outros viram, ouviram e também fingiram que não. Alguns vieram em solidariedade à mulher.

– Chama o motorista aí, grita um.

– Não, gente. Resolve isso aqui e vamos embora. Eu tenho que trabalhar amanhã ainda, disse outro.

– Gente, quanto mais falatório tiver, mais demora para esse ônibus sair da rodoviária. Senta lá atrás moça e deixa esse homem ir aí, para acabar com essa confusão, resmungava mais um.

Mas ela não ia ceder. A vida inteira ouviu as pessoas falarem para ela o que devia fazer. Por um bom tempo não se admitia como negra, disfarçava o cabelo, usava maquiagem para “corrigir” a pele escura, tudo isso para agradar aos outros. Mas essa mulher aí ficou no passado.

Agora querem que ela faça isso de novo, mudando de assento, de uma poltrona que ela tinha certeza que havia

comprado, só porque uns vão se atrasar? O atraso já nos pertence.

– O senhor é um sem noção. Olha aqui a minha passagem, olha o número da poltrona.

– Não vou olhar nada, negrinha. Não discuto com gente de cor, sua macaca.

– O quê? O que foi que o senhor disse? Pois o senhor vai discutir é com a polícia agora, seu, seu... Eu estou ligando para o 190. É com eles que o senhor vai falar, disse ela, tremendo e discando o número em seu celular e pedindo aos passageiros da frente: gente, chama a polícia da rodoviária aí pra mim.

– Não, gente. Vamos deixar isso pra lá, disse um.

– Vai atrasar a viagem toda, disseram outros.

– Ah, pelo amor, né? A polícia é racista, não vai resolver é nada, afirmou convicta outra.

– Já estou indo chamar, moça. Gritou lá da frente uma outra moça, num exercício de bom-senso, civilidade, solidariedade, sororidade e justiça.

– Isso não pode ficar assim, não, gente. Dizia um grupo de jovens lá no fundo.

O motorista entra no ônibus. Olha para aquele senhor e pede à moça a sua passagem. Dia, horário, viação, plataforma, poltrona, destino, tudo certo. Então, o motorista pede ao homem a passagem dele. Antes que ele a entregue, o motorista estranhou e perguntou:

– O senhor passou por mim na entrada do ônibus?

– Eu vou lá saber onde o senhor estava quando entrei. Tenho a passagem, o senhor que venha até a mim. Quem é que trabalha para quem aqui?

– O senhor me respeita. Deixa eu ver a passagem.

Neste momento sobem dois policiais no ônibus, um homem e uma mulher, ambos brancos. À frente vinha a moça que foi chamá-los.

A passageira da poltrona certa, certa da sua postura, explica a situação aos policiais. Quase sem fôlego, não perde a voz.

O policial olhou para o homem e perguntou: o senhor usou destes termos com esta senhora?

– Ela me ofendeu, sentando na minha poltrona.

– Deixa eu ver sua passagem, insistia o motorista, ainda alterado.

O policial interrompe: não precisa, não. Só quero que ele me responda. O senhor chamou esta senhora destes termos?

– Vão bora gente, dizia um.

– Eu tenho mais o que fazer, gente, diziam outros.

– Chamou, sim, diziam muitos.

O policial pediu que aquele senhor o acompanhasse. Ele se exaltou, pediu para que não tocassem nele. Os jovens no fundo do ônibus começaram a gritar “racista, racista”, enquanto todos gravavam o que acontecia. A mulher, humilhada, chorou. Depois de ter levantado, enfrentado, se posicionado, ela se dava ao direito de chorar. Recebeu o consolo da outra que buscou os policiais. Desceram a policial, o

criminoso, o outro policial e o motorista, tentando devolver a passagem do homem e dizendo, com uma euforia sutilmente disfarçada:

– Toma a passagem dele, senhor policial. Se ele tivesse ao menos esperado para entrar no carro, teria sido alertado por mim que estava na plataforma errada e, portanto, no ônibus errado, no destino errado e na poltrona errada. Ele está é todo errado.

O ônibus partiu. O criminoso foi levado pelos policiais, o motorista se desculpou com a passageira, ao jeito dele: a senhora desculpa aí de eu ter pedido a sua passagem em vez da dele, tá senhora. Às vezes a gente duvida de quem não deve.

Os jovens vibravam, a outra passageira e mais alguns vibravam também. Os outros, os calados e os reclamões, dormiam. Dormem sempre que lhes convém.

Quando os olhos de um pai se fecham

A mesa da casa de Clara ficava sempre repleta: eram bolos, biscoitos, pães, café, rosquinhas, queijo, geleias. À sua volta, também sempre estava repleta de amigos. Foi ali que nós passamos, eu e meu irmão mais novo, antes de voltarmos para Belo Horizonte. Ana Paula se ofereceu para ficar no hospital; Roberta e Kenny também. Roberta me olhou e perguntou se eu estava bem. Ela sempre faz isso e é a segunda maneira mais carinhosa de falar que me ama. A primeira é dizendo que me ama.

Foi a primeira vez que meu irmão caçula admitiu a possibilidade da morte do meu pai. Acho que eles ainda precisavam conversar muita coisa antes disso acontecer, assim como todos nós, os outros três filhos do Luiz ou “Seu Lula”.

Naquela manhã, meu pai estava muito inchado, irreconhecível. Não sei se ele nos ouvia; tentávamos de tudo para que ele nos respondesse: pedíamos para que piscasse os olhos ou apertasse o dedo de um dos filhos. Até achamos que teve alguma reação, mas não sabemos se foi nossa vontade que estimulou a nossa imaginação.

Dias antes, estávamos no hospital com minha mãe quando a médica veio até o quarto. O silêncio foi quebrado pela fala da especialista: “Se ele não responder, vamos ter que amputar (...)”.

O quê? Como assim? Por que ninguém nos preparou antes e, do nada, vem a médica e fala desse jeito. Minha mãe sentiu na hora aquela forma de falar. Ela, que não costuma chorar, chorou. Sem nenhuma polidez, a médica chegou e se foi, deixando-nos com dúvidas, dores e poucas esperanças.

Meu pai tinha um câncer. Ficávamos com ele na Santa Casa antes dele ir para este outro hospital. Revezávamos para que ele não precisasse ficar com algum cuidador ou enfermeiro, mas esta decisão estava ficando cada vez mais difícil. Eu saía do hospital direto para a faculdade, onde eu daria aulas em dois turnos e retornaria no outro dia. Meus irmãos da mesma forma com os seus compromissos.

Numa noite na Santa Casa, meu pai, ainda andando, mas com muitos delírios, sentou-se na cama, amarrado àquela maquininha móvel de soro, e começou a procurar o chinelo. Sorria, sabia quem eu era e falava que tinha que ir ao Itaú. Falei com ele que naquela hora não dava, para que ele voltasse a dormir, pois o banco estava fechado. Ele disse que não podia, pois tinha que tirar um dinheiro. Levei ele até o banheiro, ele urinou e voltou satisfeito.

Meia hora depois, me viro na cadeira destinada aos acompanhantes e meu pai estava sentado de novo na cama, procurando os chinelos. Eu os tirei de perto da cama, porque sabia que ele ficaria sentado, mexendo com os pés, procurando o que calçar, mas não sairia da cama descalço. Caso eu dormisse, ele não iria sozinho ao “banco”.

– Pai, o que o senhor quer?

– Vou ao Itaú.

– Mas, pai, vamos dormir. Só no meu plantão, o senhor já foi ao Itaú umas quatro vezes. O senhor não tem tanto dinheiro assim.

– Preciso tirar o dinheiro de lá.

Só que ele falava e sorria. Ele tinha certeza de que iria ao banco e não ao banheiro urinar. Mas sorria porque era dele ser assim.

De manhã tínhamos ido ao hospital e naquela tarde, na casa de Clara, em que meu irmão aceitou a ideia de que meu pai estava perto de morrer, o que ele negava e brigava com a gente quando falávamos sobre este assunto, pois achava que a gente estava se entregando a esta ideia, demos uns abraços nos nossos amigos e fomos embora de Santa Luzia. A cidade fica a cerca de trinta minutinhos da capital mineira em um dia de domingo como aquele, em que não há trânsito. Meu pai estava num hospital em Belo Horizonte e quando o carro do meu irmão estava passando pelo bairro Aarão Reis, perto de entrar na avenida Cristiano Machado, o seu telefone toca. Era nosso irmão mais velho, dizendo que o hospital havia acabado de ligar dando a notícia da morte do nosso pai.

Aquela conversa de minutos antes, na casa de Clara, a mãe da Ana Paula e da Roberta, nos deu tanta serenidade para que pudéssemos ouvir a indesejada notícia. O hospital ficava na direção que estávamos indo. Quando chegamos lá, Rafael e a esposa, amigos do meu irmão, já nos aguardavam para um abraço.

No leito o corpo já estava num saco, fechado com um zíper, esperando a remoção. Meu pai não estava ali mais. Reconhecemos o corpo. Reconhecemos a morte, a dor, a perda, o luto, a importância da família, a relevância dos amigos, os abraços silenciosos que mais falavam que palavras ditas.

Reconhecemo-nos. Só se reconhece aquilo que um dia já teve, aquilo que já viveu.

Silêncio

Tenho que ficar de olho na respiração. Eu não respiro direito. Mas é treino, com o tempo fica natural. Acho que não tem onomatopeia para respiração. Será que tem? Como escreve o barulho de respirar? Hursmmm. Nunca pensei nisso. Vamos lá. Concentra. Concentra. Você dá conta. Esqueci de escovar os dentes. Tá até áspero quando passo a língua. Que raiva dessa correria.

Inspira e a mente:

(tenta relaxar, mas logo volta a se rebelar.)

Não vou dar conta desse negócio. Minha mente não tranquiliza. É prática, eu sei, mas que vontade de desligar e deixar fluir. Quanto tempo devo estar aqui? O celular não despertou ainda, mas deve estar quase. Aff, tenho que relaxar. Vou pensar numa viagem.

Inspira e a mente:

(tenta relaxar, mas logo volta a se rebelar.)

Nossa, não respondi aquela mensagem que chegou ontem pelo instagram. Pior que nem sei o que responder ainda. Têm umas coisas que não são tão simples de falar, ainda mais pelo instagram. Vou dizer que não sei e... Gente do céu, meu corpo

vai murchando e eu nem percebo. Meu queixo está quase no chão. Também, tem que respirar, manter o corpo ereto, a mente quieta e o coração tranquilo. Risos. Adoro essa música. Tudo é uma questão de manter, a mente quieta. A outra parte dela é legal também. Como é mesmo?

Inspira e a mente: (tenta relaxar, mas logo volta a se rebelar.)

Ah, ela é só esse refrão mesmo? Nossa, já são quase sete horas. Tenho que ficar mais dois minutos aqui. Uai, quando ouvi essa música tinha uma outra parte, então era um “popurri”? Mas qual era a música que Leila Pinheiro cantava junto? Ah, aqui, achei: “viver é afinar o instrumento, de dentro pra fora, de fora pra dentro”. Como chama essa música, gente? Serra do luar. Pensei que fosse a mesma música. É do Walter Franco também? Vou colocar dois minutos a mais aqui no celular, pra não me sabotar. Eu nem devia ter tocado nesse celular.

Inspira e a mente:

(tenta relaxar, mas logo volta a se rebelar.)

Eu preciso começar uma dieta. Eu preciso parar de comer besteira. Mas, como? Entro naquela ação às 9 da manhã e saio às 5 da tarde. Viajo pra caramba. Cada dia num lugar. Mas tenho que pensar num jeito. Ah, meu deus, tenho que me concentrar.

Inspira e a mente: (tenta relaxar, mas logo volta a se rebelar.)

Ah, não.. fazer isso é muito difícil. Como não pensar em nada? Vou tentar não pensar em problemas, vou pensar numa cachoeira, a água caindo sobre minha cabeça, descendo pelo

ombro, lavando os braços, chegando às mãos, descendo pelo peito. Esqueci de comprar mamão pra fazer vitamina. Também, já não tem banana e a maçã tá bem murcha. Esqueci de respirar. E a água vai descendo do peito em direção à barriga, passando pelas costas. Estou deixando as frutas se perderem, é melhor comprar menos. Mas lá na casa de mãe perde bem mais, pelo menos eles guardam para levar pro sítio para dar pras galinhas. Atravessa a parte genital e chega às pernas, vai descendo, chega nos pés. Nossa, que câibra. Ah, quer saber, amanhã eu medito de novo. Já se foram sete minutos de meditação. Tá bom demais pro começo.

Toda vez é a mesma coisa

Toda vez é a mesma coisa. Todos os dias, indo para o trabalho, paro naquele maldito sinal de trânsito. Cedo da manhã e aquele monte de pivete, que nem devem ter seus quatorze anos direito, ficam ali, aterrorizando quem passa, com aquelas garrafinhas de água suja e uns rodos na mão. Meninos encardidos, que querem lavar os carros, mas parecem nunca terem tomado banho. Nunca viram uma água na vida. Eu estava pensando em pagar um deles pra jogar em si próprio aquela água suja e fedorenta que eles colocam nas garrafinhas e que usam para lavar o para-brisas dos carros. Mas a sujeira deles não deve sair nem com aquela água com detergente.

– Tá bom, meu amor, eu estou com raiva sim. Mas, todos os dias a mesma conversinha, de que tá trabalhando pra ajudar em casa, que a família passa necessidades. Esse povo tem benefício pra tudo. É bolsa disso, bolsa daquilo, auxílio disso. Mas não saem da rua. Estão aí é pra roubar. É só dar mole com a janela aberta que eles dão o bote.

– Você está sendo intransigente, meu bem. Se você mesmo disse que eles estão aqui todos os dias, como que eles

estão aqui pra roubar? Quem que rouba os carros e volta pro mesmo local, onde todos os carros passam, de novo, indo e vindo, pra cima e pra baixo?

— Ah! Mulher é coração mole, mesmo. Por isso que levam a bolsa de vocês, puxam o celular e saem correndo. Quando não fazem coisa pior. Aí vocês vão chorar.

— Meu bem, nós nem chegamos em frente à rodoviária, onde você diz que eles ficam todos os dias, e você já está irritado. E se eles não estiverem lá?

— Tenho certeza, amor. Eles saem dos bueiros. Na verdade, devem morar lá e só saem pra deixar os dias da gente mais infernais do que já são.

No trajeto, esse trânsito sem igual. Esta rodoviária no centro da cidade é inconcebível. Já está passando da hora disso acabar. A gente não anda mais. Gostava mesmo é do home-office, em que livre dessa paisagem urbana a gente, ao menos, consegue ter paz. Quer dizer, paz por um lado, porque vai ter coisa mais chata que lidar com cliente, aguentar mulher falando que está faltando as coisas, empregada querendo limpar justamente onde a gente está, sem ter a mínima noção, sem se dar conta de que se eu estou ali, aquele lugar, é porque estou trabalhando, e que ela limpe numa outra hora ou em outro lugar. Mas, não! Parece um complô, ela tem que ir me perturbar. Eu estou é torcendo para que os robôs substituam as empregadas logo, só assim a gente vai ter paz.

— Amor, vou fechar os vidros. A gente está chegando na “marginália”. Apesar do que, esta cidade toda está uma “marginália” só. É uma marginópole.

– Ah, meu bem, mas você vai ligar o ar-condicionado, os meninos ficam irritados com este ar do carro, deixa um pedacinho da janela aberta, para entrar uma ventilação e não precisar do ar do carro.

– Você enlouqueceu, mulher? Janela aberta no centro, com os pivetes vindo limpar o para-brisa? Nunca. E os seus filhos têm que aprender a ser homens, também. Um pouco do ar-condicionado não vai matar ninguém.

– Mas eu não preciso aprender a ser homem, meu querido. Deixa a janela um pouco aberta.

– Mulher só pode ser coisa dos diabos mesmo. Eu vou pagar um escolar para esses meninos só pra evitar essa discussão todos os dias.

– Gente, eu nem venho todos os dias. Se você discute, não é comigo, deve estar trazendo outra pessoa com você. E que implicância. Implica com os de dentro e os de fora, o tempo todo.

– Lógico, mulher. Você quer a janela aberta. Aqueles filhotes de mendigo chegam com aquelas mãos gordurosas, asquerosas, sujando toda a janela. Fazem isso de propósito, pra gente aceitar que eles limpem. Tem um que um dia eu quase descí e bati nele. Parece aquele “zé pequeno ou zé não-sei-das-quantas”, do filme, de tão preto que é. Ele é nanico, já chega com as duas patas na janela, garrafinha de água ensaboada e ensebada debaixo de um sovaco e pedaço quebrado de um rodo no outro, abre aquele sorriso que mais parece um personagem do trem fantasma e lança uns versinhos. Onde já se viu! Além do susto que dá na gente, da feiura, ainda tenho que suportar o som daquela música de comunidade.

(...)

Naquele dia, uma segunda-feira de volta às aulas, os dois filhos no banco traseiro, a esposa no carona e o pai, cheio de si, tiveram que esperar. Um acidente havia deixado o trânsito todo impedido. Sirenes vinham por entre os carros parados, irritando ainda mais aquele homem, que já se atrasava para sua reunião e nem tinha deixado os meninos na escola e a esposa no médico. Palavrões, batidas com a mão no volante, buzina pra que te quero, mas o trânsito não fluía. O motorista ligou numa rádio de notícias para saber o que estava acontecendo e pôs o aplicativo de localização para funcionar, tentando descobrir quanto tempo ainda gastaria naquele corredor imóvel de carros. A situação deve ter sido grave, pois os carros paravam, os ocupantes desciam e caminhavam até adiante, para certificarem-se do que estava acontecendo.

(...)

– Cadê os guardinhas que nessa hora não estão aqui para liberar esse trânsito? Servem pra nada.

– Meu bem, eu estou achando que foi algo muito grave, pois um monte de gente está descendo dos carros e indo verificar o que foi.

– Ainda bem que liguei o ar, senão estaria insuportável. Mais insuportável.

– Tem um homem vindo de lá, vou perguntar o que houve. Moço... Moço... com licença, bom dia. O que foi que aconteceu aí na frente?

– Ah, minha senhora, atropelaram um menino bem ali perto da rodoviária.

– Mas, o que aconteceu? Insistiu aquela senhora, com um semblante de pavor e dúvida.

– É um daqueles meninos que ficam ali no sinal pedindo pra lavar o vidro dos carros. Um cachorrinho de uma madame pulou pela janela, ele correu para pegar, salvou o bicho mas “voou pelos ares” e espatifou no asfalto. Os colegas dele tavam falando que ele nem ia vim hoje, porque ele estuda no bairro e, quando tem aula, só trabalha a tarde, mas a molecada insistiu e ele veio. Agora, tristeza maior é que falaram que é ele que sustenta a avó, que é cadeirante.

– Mas, e o trânsito, vão liberar ou não vão? Pergunta o pai das crianças que, sensíveis àquela história, choram no banco de trás.

Na rádio, não tinha notícia deste acidente, não falavam da morte do menino. A voz de Chico sequer foi ouvida, tocando na rádio a música “Construção”. Mas, pra isso, ninguém liga.

*“E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público.”*

Eu vivo na rua, mas não nasci aqui

Ele: Escreve você mesmo. Vou te contando e você vai escrevendo.

Eu: Seria legal você mesmo escrever, porque aí você consegue colocar sentimento naquilo que vai lembrando e escrevendo.

Ele: Não, cara. Você escreve bonito e a minha vida é muito sem graça. Você escreve bem e vai conseguir melhorar minha história, pelo menos no papel. Vou te contando e você escreve como achar melhor.

Eu: Tá bom, mas uma visão de fora da situação e uma de dentro têm toda diferença.

Ele: Faz o seguinte: conta como quem tá de fora, tentando sentir o que eu vou te contando. Acho que a droga atingiu meu cérebro e às vezes eu repito, outras eu esqueço. É bom deixar a “pena” na mão de alguém. Olha, é o seguinte...

Ainda não são quatro da tarde e a fila do albergue já está grande. E esse sol que não esquenta. Tá frio demais. Minha roupa tá com muitos furos, não dá pra esquentar. Essa manta é velha e fina. Já deu o que tinha que dar, mas é ela que eu tenho. Quem me dera ter uns jornais.

Eu olho pra frente e imagino que só preciso entrar, comer e dormir. Nem tomar banho me interessa, não estou dando conta do meu cheiro, mas o sono está apagando a minha consciência. Vontade de me jogar ali mesmo no chão e acordar daqui a uma hora, quando o portão se abre pra que a gente entre. Meu medo é dormir e perder minha vez. Esse barulho de sirene é infernal. Albergue do lado de delegacia. Eu preciso beber alguma coisa antes de entrar, mas não consigo nem me mexer. Vou cair aqui mesmo. Sinto meu rosto inchado, minhas mãos e pés também estão. Eu tô exalando álcool.

E esse tênis cheio de furo. Que frio. Preciso conseguir meias novas, essas já não dão pra lavar mais. Já estavam fedendo, lavei na água empossada perto do meio fio, achando que fosse água de carro lavado, mas devia ter mijo no meio. Sem sol, ela não seca. Úmida, fede mais o meu pé. E dá frieira. Ou é meu pé que já está com este cheiro que incorporou a ele. Eu tô todo fedendo.

O cheiro do álcool não exala só de mim. Misturado ao suor, à poeira e à sujeira grudada no meu corpo, ainda consigo sentir gente que fede mais do que eu nessa fila. Que pensamento horrível, dizer que gente fede, mas é real. Eu não era assim. Assim que eu digo não é de ser crítico e emburrado, não. Estou falando de andar nessa sujeira, perambulando pelas ruas, como se nem esperança eu tivesse. E agora não tenho mesmo, não. Tenho é sono. Esperança é privilégio. Tem hora

que eu penso que vou conseguir me endireitar, voltar, pedir desculpas e perdão. Mas tem hora que desanimo de pensar assim. Cada um seguiu sua vida sem mim. E é melhor mesmo.

Quem nunca viveu nas ruas, não vai entender o que estou pensando. A solidão dói demais, a saudade é grande, mas pra voltar atrás é preciso ter mais coragem do que enfrentar as noites geladas do inverno de beagá. O álcool é companhia ao mesmo tempo que é fuga. Eu não era dependente. Muitos também não eram dependentes e ficaram depois que a rua os engoliu. A rua nos engoliu, né? Tá ligado? Às vezes eu falo deles como eles, esquecendo que eu também sou um deles. Eles e eu já somos nós.

Eu conheci o álcool aos treze anos, brincando. Brincando, conheci a cocaína que me davam pra cheirar. Eu não conseguia comprar, porque ela é cara. Pra quem usa sempre, ela é mais cara ainda. Fui me prender mesmo é na pedra. “Disgraça”. Mas já cheirei tiner também. Cola, não! Quer dizer, só um pouco, mas faz tempo.

Tô cansado de todo dia ter que ficar vagando. Às vezes acho que é melhor acordar morto, mesmo. Quer dizer, não acordar. Morrer ali no chão, estirado, debaixo das caixas de papelão. Acho que nem vão notar. Só quando as rádios começam a reclamar do tanto de morador de rua é que vem a prefeitura pra recolher a gente. Falaram que iam requalificar o centro. Risos. Nisso eles são honestos, não escondem que nos acham uns desqualificados. Mal sabem eles que muitos de nós já fomos alguém. Hoje, não.

Tem gente que acha que a gente só quer dormir o dia todo. Agora eu quero mesmo. Tô um caco. Tô podre. Não vou dormir na rua, não. Dormir com medo sem saber se no dia seguinte

vou acordar ou se algum ser humano, que também é podre, mas de outro jeito, vai passar aqui, olhar para mim, pensar sabe-se lá o que e me tacar fogo, por simples deleite. Deleite é palavra bonita, uso sempre. Mas nesse caso aqui não tem beleza nenhuma. Tem gente que é mais solitário que a gente, pode ter certeza disso. E qualquer solidão que vem de abandono faz a gente fazer loucuras: seja pra esconder ou seja pra querer ser visto. O medo de morrer convive com o medo de que alguém passe por ali a noite e leve os poucos pertences que a gente tem. Eu não tenho um cãozinho de guarda pra me proteger. A bem da verdade, o cão nem é de guarda, ele é amizade pura e simples. Aquece, protege e faz companhia. Queria eu ter sido um filho pra minha mãe como o cão é pra muitos de nós. Nem pra filho e nem pra cão eu tô servindo.

Que dor no pé. A fila só aumenta e o portão não abre. Parece que ela é relativa. Relativa, não, como é a palavra mesmo? Não tô conseguindo pensar, o sono vai me derrubar na calçada. Se eu tenho fome? Lógico. A fome dói, é como se um bicho bem vivo fosse comendo suas entranhas. Eu até imagino um pãozinho chegando na minha barriga e os bichos-vivos, de tão vivos, largarem minhas tripas e virem comer o pão. Depois voltam e continuam a me engolir por dentro.

Lembrei a palavra. É proporcional, não é relativa, não. A fila cresce proporcionalmente ao meu sono e fome. Na rua a gente ganha comida. Tem dia que passam três carros oferecendo marmita. Eu pego toda vez que um carro desses passa. É a oportunidade de conversar com os voluntários que saem nas ruas à noite e, também, porque não sou bobo. Já passei tanta fome que pego mais marmita pra guardar. Vai que amanhã ninguém aparece. Mas quando as marmitas são poucas eu não faço isso, não. Deixo pros irmãozinhos. Água?

Tomo, mas o pessoal leva é suco. Uns levam café e é café bem-feito. Quando dá sede a gente tenta de tudo: barzinho, posto de gasolina, fonte de praça pública ou a água que desce no pé do meio-fio, vinda sei lá de onde.

Eu gosto do restaurante popular, mas às vezes eu prefiro tomar a cachaça pra dormir. Dormir não serve pra descansar o corpo só, não. Dormir me faz esquecer no lixo que me transformei. Minha mãe nem pode me ver assim. Fiz tanta coisa pra ela. Só fiz ela sofrer. Com treze anos eu já experimentei o álcool, me embriaguei e viciêi. Roubei minha mãe, roubei a carteira do meu irmão. Eu não tenho dignidade de ser chamado nem de lixo.

Olha o meu dedão de fora. Às vezes é melhor andar descalço do que com essa meia encardida e fedida. Mas descalço eu não fico mais não. Um dia acordei, olhei pros meus pés, estavam tão pretos, duros, cheios de cracas, que achei que eles fossem cair. Agora, seja na água da rua, ou na fonte pública, eu lavo eles sempre. Isso me dá dignidade. Olha só, lixo digno. Vou sair dessa vida e vou dar orgulho pra minha rainha. Ela me quer de volta eu é que não posso voltar assim. Não vou fazer minha mãe sofrer tudo de novo, não. E meus irmãos não confiam em mim. Penso nisso todos os dias que penso: pra que que eu fui brincar de beber e fumar? Pra ser aceito por um grupinho que nem tá aqui hoje pra me aceitar como eu tô. Aceitar o que sobrou de mim.

Tá sentindo o cheiro fedido? Fedor fedido, porque cheiro, cheira, né?

Começou a entrar. Tem um senhor aqui que traz um vidrinho com pimenta para colocar no jantar. Mas o liquido que tá na pimenta é álcool e ele janta e toma. Um dia ele foi tomar

banho e roubaram o vidrinho dele. Foi aí que o povo do albergue descobriu que ele entrava com bebida. Levou uma suspensão daquelas. Eu queria é não vir aqui mais. Me coço todo, saio cheio de picada de percevejo e ainda tenho que comprar pomada por causa desses bichos infernais. Tá vendo que parece que a vida vai nos comendo? A fome come por dentro, o percevejo por fora e os homens comem a gente no coro.

Eu vou sair dessa vida. Só melhorar um pouco. Queria tanto achar uma guimba no chão. Preciso fumar antes de entrar. Vou ali naquele vaso em frente à delegacia ver se acho uma guimba de cigarro jogada lá. Vou, como? Se eu sair daqui, perco o lugar nessa fila. Eu quero dormir. Queria é mesmo não acordar. Não posso ser seu voluntário em algum projeto, não? Estou cansado, penso em desistir. Só não faço isso porque minha família ainda vai me ver bem. Você ainda vai ouvir falar de mim.

(...)

– Tio Flávio, tudo bom? Queria falar com você sobre o rapaz que ficava conversando com você aqui no albergue.

– Ah, tá. Eu marquei dele de ir comigo numa palestra em uma escola pública. As outras que ele foi, o povo gostou tanto. Todo mundo ficou tão impressionado com ele. Começou o vício ainda adolescente, foi pra rua, conseguiu largar o vício, conheceu uma mulher que ele estava se encantando, chegou a falar com ela que ele não morava nas ruas mais, mas num albergue público. Ele começou a trabalhar e em breve terá a casinha dele. De aluguel, mas tá bom, pra quem passou pelo que ele passou, né?

– Ele marcou de ir em mais escolas com você?

– Sim, vai na semana que vem.

– Mas ele te contou, né?

– Contou o quê?

– Por ter começado a beber tão cedo, e pelo excesso de drogas, ele teve um comprometimento sério de saúde e precisou iniciar a diálise, mas o corpo estava muito fraco. A mãe dele veio e ele conseguiu pedir perdão e ganhar um beijo da mãe. A mãe o viu sóbrio e sorrindo antes da máquina parar.

– (Silêncio!)

Você tem que sair de casa

– Você tem que sair de casa.

– Você não entende. Não é assim que as coisas vão se resolver. Têm os meninos.

– Leva eles, uai.

– Mas não é assim. Pra quem tá fora, é fácil pensar que é só juntar as coisas, sair pela porta e ir embora. Mas pra onde eu vou? Ele não me deixou ter mais amigas, me afastou de todo mundo, não deixou que ninguém se aproximasse de mim, me tirou do emprego. Eu sempre pensei que ele estava querendo me proteger, me deixar mais tempo com as crianças. Mas, nada. Isso tudo era para ele ter um objeto dentro de casa, como se eu fosse um carrinho de controle remoto.

– Mas você tem que sair de casa. Ele te bateu?

– Não, ele ameaça, parte pra cima, mas só fica de falação na minha cabeça. Tem hora que eu penso que seria melhor ele dar logo esse tapa ou esse murro e ir embora, que ia doer menos que o tanto de agressão que ele me faz. Fala que sou mulher da vida, que tenho outros, que eu não cuido das

crianças mais, que eu só quero ficar no telefone com homem, que eu não presto. Eu não estou aguentando mais.

– Vamos a uma delegacia. Você vai pedir uma medida protetiva.

– Nunca. Você não entende, mesmo. Se eu faço algo assim, vai ser pior para mim. E pras crianças. Ontem ele disse que minhas amigas não gostam de mim, só estão do meu lado por interesse. Que amigas que eu tenho, se ele não me deixa nem falar pelo celular? Falou que se eu sair de casa, que não tem volta. É definitivo. Fico pensando que seria melhor assim, mas eu vou pra onde? Com três crianças, bater na casa da minha mãe e falar que o marido da filha, que parece um príncipe, é um doente, mau caráter, frio e metuculoso?

– Sim, fale a verdade.

– Minha mãe me disse, lá no início, quando falei como ele me trata... me disse que eu era a esposa, que eu tinha que suportar algumas coisas. Que ela já chegou até a apanhar do meu pai, coisa que eu nem sabia, mas que é assim mesmo, que o homem às vezes perde a cabeça, é muito trabalho, preocupação com dinheiro. Ela disse que ele, tendo que trabalhar para colocar comida na mesa para a mulher, que não trabalha, e para três filhos, tem responsabilidades demais. Paga a escola, transporte, material escolar e uniforme pra três. Quem não se exalta? perguntava minha mãe, como se fosse eu que tivesse escolhido parar de trabalhar.

– Sua mãe falou desse jeito com você? Que ela já apanhou do seu pai, numa tentativa de normalizar isso que você está passando?

– Minha mãe é de outra época.

– Sim, de uma época que a mulher não podia sair de casa. Agora a mulher pode e, nesses casos, ela deve. Mas em época nenhuma mulher tem que se submeter a torturas psicológicas, a agressões.

– Você não entende. Eu gosto dele. Ele só precisa desestressar, melhorar. Ele me disse hoje de manhã, depois de falar que eu estava nervosa ontem, que ele me ama. E eu acredito. Ele não era uma pessoa má quando eu o conheci. Deve ser uma fase.

– Fase? Fases acabam. Nesse caso, é ele quem vai acabar com você.

– Você não entende mesmo, né?

– Não. Não entendo mesmo.

(...)

– Ele tentou me bater na frente das crianças. Bebeu depois que chegou do trabalho. Tentou me bater e, depois, veio falar que me ama. Tenho medo que não tenha mais amor ali.

– De verdade. Eu nem sei se um dia teve. Pode até ter tido, mas essa necessidade de posse e controle que ele tem não é normal, ele precisa se tratar.

(...)

– Oie, tudo bom com você? Sei que você odeia ligação, mas precisava falar com você. Hoje não estou bem, de jeito nenhum. Aconteceu. Não sei o que eu fiz pra ele. Ele me bateu.

– Nossa, como você está? O que eu posso fazer por você?

– Nada, eu só precisava falar com alguém. Mas vai passar, fique tranquilo. Só precisava falar.

– Quer que eu peça um carro para você sair daí?

– Não, agora está tudo bem.

– Mas, você sabe, como essa situação tem acontecido várias vezes, ele pode repetir isso e ficar cada vez pior. Você dizia que ele não te encostava a mão e agora ele está ficando violento.

– Ele tentou fazer sexo comigo e eu não quis. Ele disse que eu não tenho que querer, que ele é meu marido, que eu estou nem vou falar como ele falou, mas disse que eu estou me deitando com outros homens. Como eu me calei, ele veio para cima e forçou.

– Ele forçou? Isso é um crime. Eu respeito a sua opinião. A sua decisão, na verdade. Mas afaste-se um pouco dele, ao menos para pensar no que fazer.

– Não, não. Vou desligar. Obrigada por me ouvir.

(...)

(...)

– Ei, sou eu.

– Uai, por que esse número novo? Trocou de celular?

– Troquei. No outro não tinha quase ninguém registrado mesmo. Mas eu tenho que te contar uma coisa. Saí de casa. Peguei os meninos e saí de casa.

– Ele te bateu de novo?

– Não. Ele ainda não sabe que eu saí. Ele bebeu e dormiu. Peguei um dinheiro na carteira dele, todo dinheiro que tinha lá. Vim pra um hotelzinho, até resolver tudo.

– Você está bem?

– A resposta é estranha, mas estou sim. É estranha porque eu não me via na condição de tomar essa decisão. Eu não conseguia sair de casa com medo do que pudesse acontecer. Pensei nos meninos, que precisam de um pai, mas também de uma mãe viva. Eu não tenho onde ficar, não tenho renda, faz tempo que não entro em uma sala de aula para fazer o que eu sabia e que mais gostava. Minha vida está toda incerta, mas não me arrependo.

– Denuncia, para ele não fazer nada com você.

– Vou pensar. Ele é pai das minhas crianças, né? Mas eu só estou ligando para te dizer que duas frases que você falou quando te conheci naquela palestra lá do Senac, caíram como uma bomba em mim.

– Quais frases?

– Tive tanta identificação com a Nina Simone, que dizia que é preciso levantar da mesa quando o amor não for mais servido. E aquele provérbio, acho que é africano, não sei, que diz que Exú matou um pássaro ontem com a pedra que jogou só hoje.

– Iorubá. É um provérbio africano, sim.

– Pois é. Como você explicou lá, os pássaros do passado são as portinhas que não damos conta de fechar. Hoje eu venci esta etapa. De verdade e com convicção. Não foi de uma hora para outra, foi doído, os meninos sofreram muito, viram muita

Tio Flávio

coisa, mas eu vou buscar seguir o meu caminho. O nosso caminho como família, que sou para eles. Só queria dizer “obrigada”. Deus te abençoe.

Eu só preciso de paz

Toda vez que chego a uma rodoviária, geralmente é para uma viagem a trabalho. Já percorri muitas cidades e alguns estados de ônibus. Mas, para muita gente, rodoviária é lugar de encontros, onde quem chega dissipa a saudade e de despedidas, em uma viagem que torna o reencontro indefinido.

Famílias choram na entrada do ônibus, fazem corações com as mãos para quem toma assento, se juntam em beijos e falas, indecifráveis, já que as janelas, diferentemente de como eram no passado, não mais abrem para aquelas palavras últimas, cara a cara. Agora, só a tecnologia que vai aplacar um pouco desta dor sem abraços.

Neste dia embarquei na rodoviária do Tietê, naquele mar de gente, em um ônibus que passaria por Belo Horizonte e seguiria para a cidade de Sobral, no Ceará, submetendo aquelas pessoas a uma viagem com duração prevista de 59 horas e 52 minutos, mas que se prolonga por mais 4 a 5 horas além do anunciado pela empresa.

Alguns desses ônibus que já peguei e que seguiriam viagem até o nordeste são, no mínimo, desrespeitosos. Não têm água, algumas poltronas têm defeitos, os apoiadores de pé e pernas quebrados, tecidos das poltronas e do teto sujos, sem

dispositivo para a recarga do celular. Pelo menos, para compensar de alguma forma tanto descaso, a maioria dos motoristas que conduzem o veículo até a cidade mineira de Perdões ou a Belo Horizonte é bem gentil e falante.

Os passageiros vão se conhecendo, puxando assunto, principalmente aqueles que ficarão sessenta horas juntos; sempre têm muito o que falar. Uns ajudam os outros em algumas das necessidades urgentes, como olhar os meninos enquanto a mãe vai ao banheiro, oferecer um agasalho ou uma manta para cobrir uma criança quando não se imaginava um ar-condicionado tão frio. Há aqueles lá do fundo que reclamam do calor, já que as últimas poltronas parecem ter sido instaladas dentro de uma “caldeira”, como me disse um senhor, usando da metáfora para expressar o quanto a gente suava e pulava.

Na segunda parada, o ônibus vai para um ponto de apoio na cidade de Perdões. É um restaurante imenso, que um dia pode ter sido bonito, mas que hoje parece uma lanchonete abandonada, que de legal só tem um painel de fotos da cidade e algumas tomadas, e que recebe os veículos desta empresa para a troca de motoristas e uma parada para o lanche, almoço ou jantar. As coisas são caras e não têm qualidade, mas não são tão caras quanto aquela rede de serviços famosa, distribuída pelas rodovias do sudeste e sul do país, com preço salgado, mas alimentos bons.

Eram 15 horas quando o nosso ônibus fez a parada. Muita gente desce para “esticar as pernas” ou usar o banheiro de fora, que todos torcem para que tenha um odor menos desagradável do que o de dentro do veículo. Eu estava lendo, parei um pouco para observar o fluxo daquele restaurante.

Um passageiro, que estava no meu ônibus, acende um cigarro na beirada daquelas vagas do estacionamento, onde os ônibus se encaixam para que os passageiros desçam. Algumas tragadas depois, vem um homem em sua direção, carregando um saco de linhagem branco, com algo até a metade; uma mochila abarrotada, toda encardida; camisa vermelha, bermuda jeans, boné e chinelos. Conversaram alguma coisa e o passageiro deu mais uma tragada e entregou o meio cigarro para o homem. Ele se sentou naquela vaga do estacionamento, ladeada por dois ônibus da mesma empresa, puxou a fumaça, soltou, colocou o cotovelo em um joelho, abaixando a cabeça. Na outra mão, solta ao lado, o cigarro aceso. Ele era o retrato da derrota.

Um cachorro chega por trás, cheira sua mochila e desiste. Nas cadeiras coletivas de madeira que estavam atrás daquele homem, outras pessoas fumavam. Uma mulher se encanta com o cãozinho, sobe até o ônibus e desce com uma marmita, cheia de divisões, e muita comida ainda. O cachorro, que parecia bem seletivo, deve ser alimentado por muita gente que por ali passa o dia todo. Ele cheirou o presente e se ausentou, para o desgosto da mulher.

O homem sentado parecia sem forças para puxar a fumaça. A cena era tão comovente, que o passageiro voltou segundos depois, tirou de uma sacola um frasco grande de suco, já aberto e parecendo leve, ofereceu para o homem, que aceitou e agradeceu, sem sorrisos e nem delongas. O passageiro queria perguntar, mas vi que não teve coragem. Um motorista da empresa passa e entrega uma latinha de refrigerante, daquelas que eles ganham nas paradas. O homem aceita, segura, deixa a cabeça e o tronco caírem e fica ali, inerte. Ele

não estava embriagado, não pediu dinheiro e nem passagem para ninguém. Apenas pediu um cigarro.

Próximo à nossa partida, olhei da janela para ele e acenei com a cabeça, no que ele me retribuiu, sem muita força. Sacou uma blusa de frio da mochila, que era, na verdade, uma sacolinha de alças, se manteve ali por alguns minutos, até que um ônibus o forçou a sair do lugar onde derretia sua existência. Perguntei ao passageiro se o homem estava bem e ele respondeu o que o homem tinha dito: “eu só preciso de paz”.

Num lugar de encontros e despedidas, espero que para aquele rapaz, a paz possa de fato ser uma passageira mais frequente.

Histórias em movimento!

Eu não tenho o hábito de comprar presentes de Natal e isso já liberava boa parte da minha tarde daquele dia 24 de dezembro, em que tantas coisas têm que ser providenciadas por um grupo de pessoas que há anos passa parte da noite desta significativa data com pessoas em situação de rua num albergue distante do centro de Belo Horizonte.

A hora combinada com a minha carona já se aproximava, e eu ainda tinha que empacotar as garrafinhas (squeezes) e as caixinhas de chocolate que entregaríamos antes em uma casa que acolhe famílias em vulnerabilidade social lá na Pampulha. Juntei as doações, embalei o que pude e o restante fiz no carro, pois às 18 horas tínhamos que estar dentro da cozinha do albergue, fazendo a entrega do jantar para aquelas 200 pessoas em situação de rua com quem passaríamos a véspera de Natal.

Ao chegar ao abrigo na Pampulha, bati a campainha e uma funcionária veio atender, acompanhada de algumas crianças. Desci com as sacolas de doações, que, além dos presentinhos individuais, continham muitas fraldas, roupas infantis, cadernos e outras coisinhas. Uma das crianças logo se ofereceu para ajudar, no que as outras duas também dispararam em nossa direção. As caixas estavam pesadas, mas elas faziam

questão de ajudar. Não pude entrar, uma vez que o horário do jantar da outra ação se aproximava. Dei tchau pelo carro e os três rostinhos, apoiados ou pressionados ao vidro do parapeito da varanda, no alto da casa, perdiam o sorriso que tinham na nossa chegada, pela rapidez daquela visita.

No carro o GPS acusava que chegaríamos em doze minutos, tempo bem apertado para entrar e tomar ciência de tudo antes de abrir a janelinha do salão, por onde entregariamos os pratos de comida. Mandeí mensagem para os demais voluntários que já estavam na cozinha e fomos combinando a logística.

As caixas de som para o show da noite já estavam sendo montadas. Nossos voluntários apresentariam músicas de Raul Seixas, sempre pedido por muitos, assim como clássicos do rock, da MPB e do repertório internacional. Do lado de fora do salão, na varanda, mesas já estavam prontas para entregarem sacolinhas com kits de higiene e outras, em outro espaço, com doces.

Chegamos, finalmente. Já na cozinha, nos preparamos para entregar os pratos de comida pelas duas janelinhas que fazem a ligação com o salão. Uma maior em extensão, mas bem baixa, que não dá para ver os rostos das pessoas, só parte do tronco e as mãos, a menos que ambos se abaixem dos dois lados. Vou perguntando se era um prato pequeno, médio ou grande, no que eles respondem e eu vou selecionando o mais adequado para cada gosto, enquanto atrás de mim quatro voluntárias vão montando as refeições e trazendo até onde estou. Ao meu lado, alguém vai colocando os refrigerantes nos copos. Pela janelinha menor, ao passo que cada um devolve o prato e a colher que usou, uma pessoa entrega a sobremesa. Ali

do lado, duas pessoas lavam os pratos e talheres sujos, para retornarem para outra pessoa.

Como eu não via boa parte dos rostos de quem chegava para pegar o jantar, eu entregava o prato e estendia uma mão para cumprimentar pelo Natal. Do lado de lá, duas filas formadas separavam as pessoas com deficiência e as que dormem na ala LGBT das outras que ocupam a ala maior, que é só masculina. A maioria apertava a minha mão, alguns abaixam para ver o meu rosto.

Uma pessoa cega chega ajudada por um rapaz, que carrega seu prato e copo até a mesa; um senhor mais velho, que não falava, também se aproxima ajudado por outro; tinha um que só agradecia e nos benzia com as mãos; um que disse que não comeu nada durante todo o dia, para caprichar ao servirmos o prato dele; um que me conhecia há muito tempo, de um abrigo de adolescentes, e que é o segundo ano consecutivo que me encontra ali, no Natal. Esse me comoveu ao se despedir. Pediu um abraço e disse: até o ano que vem. Isso me dilacerou, pois ele se vê ali, um ano a mais, no mesmo albergue. Ele me disse que largou as drogas, mas vive à base de remédios. Não tem pra onde voltar, a não ser para ali.

Às 20 horas, a maioria já tinha jantado, repetido, recebido o sorvete de sobremesa e estava no salão pulando ao som da banda, ou conversando na área de trás, ou deitada nos quartos coletivos.

A equipe da cozinha, agora liberada, foi para o salão aproveitar a festa e aí é um novo momento, uma nova etapa que se inicia, quando a gente consegue interagir olhando nos olhos, ouvindo as histórias, cantando e dançando juntos.

Nesse momento, entra no salão um cachorrinho todo animado e bastante sujinho. Regina, a voluntária que me deu carona, não pensa duas vezes e já se abaixa para fazer afagos. Um dos participantes vem sorrindo, embalado pela alegria do cachorro. Eu perguntei se o cãozinho era dele e ele respondeu: “Né não. É de rua como nós mesmo.”

Desmontada a estrutura, muitos vêm oferecer ajuda para carregar as caixas de som. Ao caminharmos em direção ao estacionamento, só ouvíamos “muito obrigado”, “voltem mais vezes”, “bom Natal pra vocês e pras suas famílias” e coisas do tipo. Cada um daqueles voluntários voltaria para casa, sei lá se para jantar, ficar sozinho, encontrar a família, chorar suas dores ou celebrar suas alegrias, deixando para trás um momento que não tem nem como ser descrito, só vivido mesmo.

Num acidente entre dois ônibus

Faltavam dez minutos para uma parada no Graal Bela Vista quando o ônibus em que eu viajava bateu num outro que estava parado na pista, um pouco antes das 4h da manhã. Eu estava de cinto de segurança, o que me fez ter apenas uma pequena lesão na perna, me protegendo de um cenário que poderia ser pior. A maioria das pessoas que estava sem o cinto foi arremessada para poltronas à frente ou sofreu forte colisão.

Não sei descrever, ainda, como é o momento em que ouvi o primeiro impacto na traseira do ônibus parado na Fernão Dias. Nosso veículo continuou em movimento, com barulhos ocos de colisões simultâneas, naquilo que parecia ser algum tipo de vegetação. Da batida até o momento em que o ônibus para é um tempo indefinido, apesar de parecer infinito. O ônibus parou fora da pista, num terreno no nível da estrada. Se tivéssemos batido um pouco mais adiante, teríamos caído num declive.

No escuro, as janelas de emergência começavam a ser quebradas, pois não tinha como sair pela porta que ligava os passageiros ao motorista. A lateral do outro ônibus invadiu o

nosso como uma guilhotina, entrando pela janela da frente. Depois de um pequeno hiato, o sangue aparece revelado pelas lanternas dos celulares.

A jovem das poltronas ao lado gritava repetidas vezes: “Minha mãe”. Eu me levantei e fui na direção delas, mas não estava vendo ninguém ao seu lado. Foi quando ela me disse que estava em pânico, até voltar a si e informar que a mãe não estava no ônibus, foi a sua reação nervosa.

Ali, naquele cenário de horror, eu constatei, mais uma vez, como as pessoas são solidárias. Um jovem, com pequenos cortes, quebrou e pulou a janela de emergência de trás e as pessoas que não estavam feridas começaram a sair, amparadas por mim e por mais um. Na minha vez, eu coloquei o pé para fora da janela, numa altura que eu duvidei que daria conta de sair, mas, de repente, senti duas mãos segurando a minha perna direita até chegar ao pneu do ônibus. Segurando-me apenas na cortina do veículo, passei a outra perna pela janela, no que outras mãos a seguraram. Pisei no pneu e depois no chão.

A menina que eu ajudei a sair virou pra mim e disse, num desespero contido à força: "moço, o senhor viu a frente do ônibus como ficou?"

As pessoas começavam a parar na estrada para virem ajudar. Um motorista desceu e me perguntou se eu estava bem e quantas pessoas estavam feridas e disse que no outro veículo havia muitos passageiros. Só aí que comecei a me dar conta do tamanho da tragédia.

Ajudamos outros a saírem. Na minha percepção de tempo, talvez ainda distorcida, as ambulâncias demoravam. Antes de sair do ônibus, foi possível ouvir algumas pessoas gritando de

dor, presas entre as ferragens, e a gente não podia fazer nada. Aquilo doía em todos nós, pois era tangível a impotência diante daquelas pessoas.

Um homem com cortes no rosto e o nariz quebrado desceu pela janela, com um choro contido. Ao pisar no chão, ele me disse, amparado por um jovem que estava com ele: "A mulher que estava na minha frente está morta". Foi aí que ele começou a chorar.

Os passageiros iam saindo do ônibus e buscando sinal para ligar para os familiares. Aquela jovem que gritou pela mãe, a acordou e disse: "Me desculpa te acordar, eu estou bem, mas meu ônibus sofreu um acidente terrível".

Com as luzes dos carros que passavam e paravam, vimos assentos das poltronas que foram arremessados pela janela. O nosso motorista sobreviveu como que por um milagre. Ele estava contendo-se, parece que num primeiro momento esta é a reação de todos: espanto que cala e imobiliza por algum tempinho. Quando os outros motoristas pararam e vieram ao seu auxílio, perguntei se ele estava bem, no que me disse: "Não. Não estou, não".

A primeira ambulância veio pelo outro lado da pista, foi até o retorno e parou no outro ônibus, que estava antes do nosso. Oito passageiros que não estavam machucados no meu ônibus, inclusive eu, fomos orientados a entrar nos outros veículos que passavam rumo a São Paulo, uma vez que em nada ajudaríamos ficando ali. Eu fui.

Já acomodado, sentado no outro ônibus, com as pernas pouco doloridas da força para pular a janela, a minha vontade era de chorar. Peguei o celular e comecei a escrever o que tinha acontecido, porque até aquele momento parecia que eu não

tinha ainda processado aquele acidente. Eu ainda não tinha me incluído nele.

Em minha memória só vinham os gritos de um homem preso às ferragens, minha primeira perna sendo amparada ao pular pela janela e o rosto ensanguentado do homem que segurou a minha outra perna, o mesmo que perdeu os dentes no impacto, me dizendo quando cheguei ao chão: "estou vivo por um milagre, eu tirei o cinto por uns minutos e não o abotoei de novo. Sem cinto, só quebrei os dentes. Podia ter sido bem pior".

A empresa responsável pelo ônibus que me transportava não fez nenhum contato para saber como eu estava.

A Assessoria de Imprensa do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, atenciosa como sempre, respondeu a algumas perguntas que acredito serem importantes para todos. O Tenente Henrique César Barcellos de Souza disse que quem “estiver envolvido neste tipo de acidente, com ônibus e coletivos, mas se encontrar consciente, orientado, uma vítima leve e que tem condições de caminhar, deve buscar sair deste local do acidente e se concentrar com as demais vítimas leves num local e numa distância seguros. A tentativa de ajudar uma vítima que esteja presa entre as ferragens é contraindicada se a pessoa não tiver o treinamento para isso. Ainda cabe ressaltar que este cenário sempre gera o risco de incêndio por algum curto-circuito nos veículos. Por isso não é seguro estar dentro da zona quente se não tiver o treinamento adequado”.

Cheguei em São Paulo e esperei minha mãe acordar para ligar para ela, após ter falado com os meus irmãos, que já tinham visto nos jornais sobre aquele acidente. Fiquei dois dias chorando. Soube depois que o ônibus que estava parado tinha

tido uma pane elétrica e não havia conseguido ir para o acostamento. Sem iluminação nenhuma, o nosso motorista não conseguiu vê-lo. No ônibus em que eu estava, três pessoas perderam a vida.

O “eu te amo” de uma mãe é medicinal!

Foi um dia de domingo, em plena pandemia, mas em um período em que estávamos com menos medo e já ousávamos, com todas as precauções, sair de casa para visitar as pessoas que a gente sentia a dor da distância e da falta, que eu resolvi ir a Santa Luzia, cidade da Grande BH onde minha mãe mora. Passei um dia agradável com ela, apesar de mantermos as máscaras, num combinado que fizemos que nos dava uma segurança e aquietava nossa ansiedade.

Eu conversava sobre a vida, sobre a importância da criação e dos valores passados pelos meus pais, como que cada filho seguiu seu caminho, mas sempre guiados por este amor que nos ensinou tanto e nos alimenta até hoje.

Minha mãe era professora, trabalhava bastante e era bem rígida e justa em relação à nossa educação. Uma mulher ágil, decidida. Na minha percepção de criança, era ela quem tomava a frente de tudo, já que meu pai trabalhava como representante numa indústria farmacêutica e, por isso, viajava constantemente.

Enquanto eu estava na fase infanto-juvenil, nunca vi minha mãe chorar. Sempre a via como uma fortaleza, mas sei que ela devia buscar o conforto para as suas dores com a sua única irmã ou com alguma amiga, pois ninguém dá conta de passar por esta vida represando suas dores.

Depois de um bate-papo gostoso, um café passado na hora e uns pães de queijo saídos do forno, no fim da tarde daquele dia, eu anunciei a minha partida, pois ainda passaria em um abrigo de crianças, hoje chamado de casa de acolhimento, para deixar algumas doações para os meninos que moravam provisoriamente naquele lugar. A ideia era chegar ao portão, vê-los pela janela da sala da frente, conversar um pouco, mas desta vez sem a possibilidade de abraços.

Uma amiga me encontraria lá, para que a gente pudesse passar em outras duas casas depois, deixando refrigerantes e doces para quebrar a aspereza do isolamento sanitário.

Bati a campainha do portão e ouvi os meninos correndo, se movimentando, para saberem quem era. As crianças em abrigos amam visitas. Os adolescentes podem até gostar, mas nunca demonstram. Ficam sentados, com os seus celulares, em seus mundos particulares e é preciso muito jeito para que a gente consiga trazer a maioria para a roda.

As crianças gritavam animadas, agoniadas para que o educador pudesse abrir o portão e revelar, de uma vez por todas, quem era a visita. Quando nos viram, foi aquela festa. Burlaram a barreira de contenção feita por uma das educadoras, correram para cima de mim e da outra voluntária e abraçaram as nossas pernas. Lembro claramente desta imagem, já que em todas as ocasiões a gente abraçava um a um, mas nesse dia eu só levantei as duas mãos, afastando-as

deles, como se o vírus da Covid estivesse grudado na ponta dos meus dedos.

A ordem para voltar para a janela foi dada e eles obedeceram, não prontamente, mas foram, alguns aos resmungos e outros pulando feito pipoca, querendo que os demais se aquietassem para que eu dissesse o que trazia para eles.

Esta foi uma visita sem demora. Entreguei as sacolas, mas antes fui tirando e mostrando item a item, no que eles aplaudiam. Era uma cena de filme, a alegria deles por ver alguém conhecido, diferente dos educadores do dia a dia, e de receberem a guloseimas, que seriam devoradas assim que as “tias da cozinha” autorizassem. Naquela janela imensa, em cima do sofá que ficava dentro da sala, seis a oito meninos disputavam um espaço para se tornarem visíveis. A janela era grande, mas cada um queria aparecer mais do que o outro.

A despedida nunca foi a melhor hora, pois eles sempre vêm pedir para a gente ficar mais, fazem fila para o abraço e se reúnem na porta para nos ver indo embora. Desta vez, limitados ao quadrado da janela, sem poder sair dali, parece que a angústia da partida foi maior para alguns. Um dos meninos, o maiorzinho, que devia ter uns 10 anos, olhou para mim e disse: “Tio, você volta, né?”. Eu voltaria mais algumas vezes, até que esse abrigo fosse desativado e os meninos encaminhados para famílias acolhedoras, o que eu acredito que, dentre as opções postas, foi a melhor para eles.

Entrei no carro da minha amiga e choramos juntos. Ela, que tinha perdido a mãe recentemente, e eu, saído da casa da minha, só pensávamos como que um “bom dia”, “fica com Deus” e “eu te amo” de uma mãe são medicinais. Tirados do

convívio dos seus familiares, por questões diversas, eles estavam ali, brincando, sorrindo, abraçando, reagindo às dores como as crianças podem reagir, esperando que uma família apareça e entenda o que é a adoção, diferente da compra de um item em feira livre, que caso venha com um amassado, pode-se voltar, trocar ou devolver. A adoção não é uma tentativa, um joguinho de certo ou errado. É uma decisão madura, que impacta a vida de todos, mas que requer mais sobriedade e conhecimento do que romantismo e euforia.

Um chamado da alma

Toda vez que eu acabo de fazer uma palestra, algumas pessoas chegam perguntando o que é necessário para ser voluntário em alguma causa social. A vontade existe, mas o turbilhão do dia a dia faz com que a pessoa vá colocando outras prioridades na frente. E por falar nisso, acho que vamos ter que começar a escolher o que é prioritário dentre as nossas prioridades, do tanto de coisa que prometemos a nós mesmos, e aos outros, e não temos dado conta de cumprir.

Quando acontece uma tragédia, que provoca uma comoção geral, como a queda da barragem em Brumadinho ou as chuvas e enchentes do Rio Grande do Sul, milhares de pessoas se disponibilizam a participar das arrecadações, doar seu tempo, suas habilidades, até que o calor das emoções passe e muitos voltem para as suas rotinas. Em casos assim, isto é normal e segue o fluxo da ocorrência de toda calamidade.

No entanto, quando a gente fala de voluntariar-se para algo que seja contínuo, que aconteça com frequência, e não algo pontual, muita gente se diz apta e, tempos depois, afirma que não tem tempo agora, que o volume de trabalho aumentou, que uma pós-graduação está exigindo muito dela, que tem se sentido estafada com tantas atividades cotidianas, que

repensou em tudo que está fazendo e precisa dar um tempo, dentre outras tantas questões, legítimas e importantes do ponto de vista daquele indivíduo.

E escolher é doloroso, mas é necessário. Dizer um “até breve” ou um “adeus” a um grupo voluntário é mais honesto do que abraçar uma causa e não se comprometer com ela.

Para que a gente possa assumir um compromisso é necessário um certo conhecimento. Abrir um negócio em sociedade com alguém, começar o tratamento de uma doença com um novo médico ou numa nova clínica, tudo isso requer informações acerca do outro, para que haja uma relação de confiança e completude. Nesses processos, e em tantos outros, conhecer a si, para saber o que de fato quer, e ao outro, é um ganho para a tomada de decisões. Depois, é preciso saber escolher. Assumir um compromisso requer escolher, tomar decisão. Ao ir ao cinema, alguém abre mão de ficar em casa ou estudar, por exemplo.

No voluntariado não é diferente: você assume o compromisso livremente e agora acredita-se que você vá cumprir o compromisso feito. Uma vez que você se comprometeu, se não comparecer, vai gerar um prejuízo, um problema para todo um grupo de pessoas. E não adianta pedir desculpas depois, pois toda a ação acaba sendo colocada em risco em razão da falta de alguém no compromisso assumido. Ter ciência disso é fidelidade, é não trair o grupo com o qual você se comprometeu.

Por isso é que a gente precisa de um entendimento maior do sentido de coletividade, que não é praticado apenas em momentos de crises humanitárias, em campanhas de doação de sangue ou de agasalhos. Esse sentido deve permear a prática

diária, nos hábitos que desenvolvemos, na nossa fala, na interação com o outro, no que a gente posta em redes sociais. Não estou sugerindo que sejamos perfeitos, pelo menos por enquanto, mas que sejamos despertos, entendendo nosso lugar por aqui, desde as coisas mais rotineiras, como colocar um saco de lixo para fora de casa.

Pensar no outro nos faz menos individualistas, menos egoístas, e isto é um exercício, uma virtude que deve ser praticada.

Seguindo o exemplo acima, em muitos lugares é sabido o horário e o dia que o caminhão de coleta passa. Se a gente se atrasa e coloca o lixo pra fora depois, transferimos o incômodo para os outros, por uma irresponsabilidade nossa. Ou se acondicionamos coisas demais num saco de lixo e colocamos para fora de casa já transbordando, quem passa para recolher terá dificuldades.

São coisas bem simples e que não fazem mal quando nos atentamos para elas, mas que nos ajudam a tirar o olhar apenas das nossas reclamações, dores, cismas, dificuldades e passar a entender que somos apenas uma pequena – mas importante e única – partícula desse mundo, que possui um tanto de outras partículas existindo por aí.

Num dia desses, durante a minha caminhada noturna, ouvia o podcast da escola de Filosofia Nova Acrópole, em que o convidado dizia que o trabalho nos dá a condição de pagarmos as nossas contas, realizarmos os nossos sonhos e nos garante os elementos mínimos para a nossa sobrevivência. Só que, para o ser humano, só a sobrevivência não é suficiente. Ele pode sobreviver e não estar se alimentando daquilo que o humanize.

O trabalho voluntário, o trabalho generoso, é algo próprio da condição humana. É quase uma vocação, afirma o professor José Roberto, de Nova Acrópole. Vocação é um chamado da alma para que o ser humano se atente para que ele precisa de conhecimento e sabedoria extraídas, tantas vezes, do contato “desinteressado” com o outro. É preciso colocar as melhores energias para alimentar esse chamado da alma e isso passa pelo entendimento do compromisso e da responsabilidade que assumimos com uma pessoa, um grupo, uma instituição. Mas, para além disso, é o compromisso de devolver ao universo o tanto que ele nos tem dado. É, e deve continuar sendo, um chamado da alma e não uma passageira, descompromissada e egoística vontade descabida, que ignora o outro e a coletividade.

Por fim...

Eu desenvolvo um trabalho voluntário dentro das unidades prisionais desde o ano de 2013. Sou professor e acredito que a educação promova revoluções na vida das pessoas, dando novos contornos, novos significados para o indivíduo.

Uma das diversas atividades que temos é o “Diário da Liberdade”, em que as pessoas privadas de liberdade escrevem a história da sua vida num caderno de 60 páginas, contando sobre infância, adolescência, a escola, a família, como a pessoa encontrou o crime ou o crime a encontrou. Temos outros tantos projetos, como composição de música, poesia, cartas sobre temas específicos, leituras, entre outras atividades.

Solicitei, num desses trabalhos, que o participante escrevesse uma carta para alguém que ele queria ter pedido perdão e não conseguiu ou um agradecimento a alguém.

Trago abaixo duas dentre as milhares de cartas escritas. Uma de um filho no cárcere, para o pai, no céu. E a outra de um jovem preso, para a sua mãe, já falecida. Resolvi, no segundo texto, adicionar um parágrafo que o autor escreveu sobre a escola e o esforço da sua mãe. Do trabalho deste último autor, mantive a escrita tal qual me foi entregue, com os erros

de grafia e com poucos e longos parágrafos. Apenas pontuei o texto, já que ele não usou quase nenhuma pontuação. A razão para manter este último texto como foi escrito eu explicarei logo após a leitura de ambos. Vamos lá?

**Carta do Reginaldo (nome fictício)
para o seu pai: um abraço que ficou faltando**

“Essa carta dedico ao meu falecido pai!!! Queria que o correio pudesse entregá-la aí no céu!

Pai, vim através dessa humilde carta, perguntar como o senhor está. O céu aí deve ser lindo, né?

Falar para o senhor, meu pai, que o senhor está fazendo muita falta aqui. Quero que saiba que te amo muito, quero te pedir perdão, sei que não fui um bom filho e me arrependo de muitas coisas que eu fiz. Se eu tivesse te escutado mais, quem sabe eu não teria sofrido tanto nessa vida. Hoje eu sei que o senhor só queria o melhor pra mim, mas o meu orgulho e revolta, quando eu era menor, nos privou de tantas coisas juntos. Se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente. Eu Juro.

Desde que você adoeceu e que você se foi, eu amadureci muito e comecei a lembrar dos seus conselhos e dos seus bons exemplos. Queria ter te dado mais orgulho. Me perdoa, pai. Sei que agora é tarde pra falar que me arrependo, que devia ter te escutado mais. Mas, precisava falar. Sei que pra mim ainda dá tempo de mudar, você nunca deixou de acreditar em mim. Hoje

me encontro privado da minha liberdade, meu pai. Tive que vir parar no fundo do poço pra entender o que o senhor sempre me falou, que se eu não aprendesse no amor, eu iria aprender com a dor. Agora eu entendi que o senhor só queria o melhor pra mim.

Lembro de você e sempre oro por você e só queria era poder te dar o abraço que ficou faltando.

Quero que saiba que nossa família está bem, a mãezinha está linda como sempre. Graças a Deus está firme, forte e com saúde.

O Beto está com uma barbearia, abriu o seu próprio empreendimento.

O Ricardo evoluiu. A lavação virou uma estética automotiva e ele se especializou na área.

Quando eu sair daqui também irei abrir um negócio pra mim. Pensando algo no ramo alimentício, um carrinho de lanche ou, se Deus quiser, uma lanchonete. Os três irmãos microempresários. Vou dar orgulho pra nossa mãezinha e cuidar dela, assim como eu prometi pro senhor, lá naquele quarto de hospital, que eu cuidaria.

Sei que estou preso aqui do outro lado do país, a mais de 1000 km de casa, mas rezo e oro todos os dias por ela.

Agora, aí de cima, espero que o senhor olhe por nós e cuide da gente, meu pai. Queria que o senhor pudesse me responder esta carta, queria que aí no céu tivesse uma horinha de visita só pra poder te dar o abraço que ficou faltando.

Vou me despedindo, pai. Me desculpe se falei demais, se fui além, só que eu precisava desabafar com alguém.

Saudades eternas. Te amarei para todo o sempre!

Reginaldo (nome fictício).

**Texto escrito pelo Maurício (nome fictício),
numa pergunta sobre o papel da escola**

“O que *levo eu* a não *completa* os estudos foi a minha própria ignorância. Eu via que todos *podia* ter as coisas e eu não. Eu queria ter as coisas, ser alguma coisa, mas tomei a atitude que fez eu *desculti* com a minha mãe. Eu fui chamado pra vende droga na rua de cima da minha casa, quando eu chegava da escola e saía pra rua. Mas alguém falou pra minha mãe, ela brigou comigo por causa disso. Ela queria uma vida melhor pra mim, mesmo eu passando necessidade dentro de casa, ela queria meu bem. Mas eu *sego* não entendia. Saí de casa pra *vende* essas *porcaria* até *chega* a notícia que eu tinha *perdido ela!!*”

**Carta do Maurício (nome fictício)
para a sua mãe: Amor de mãe**

“Às vezes eu me pergunto o motivo das coisas *ter* que ser assim. Vem a alegria, vem o choro, vem a felicidade, vem a *tristesza*. E tem tristeza que não dá para *carrega* sem ter dor. Sempre fui criado pela minha mãe, que amor de pai eu nunca

tive. Pra falar a real, eu nem conheço, não sei se tá vivo ou morto, se ele tem outra família, sei lá. Mas o que ele não fez, a minha mãe fez. Um papel para uma mulher ser pai e ser mãe devia ser *puchado*. Queria *ajuda*, mas de uma forma diferente, na vida do crime, e isso pra mim ela não queria. Chegamos a *briga* quando ela ficou sabendo que o seu menino cresceu e virou bandido. Não sei se ela teve medo de eu *morre* ou de me *visita* um dia dentro da cadeia. Eu não sei se ela tinha esse ou outros medos pra mim nessa vida errada. Tomei uma atitude sem *pensa*. Eu no fundo queria só poder *ajuda*. Como ela não *aceito*, fui *mora* na rua. Me afundei na droga, na bebida e me joguei no mundo *loco* onde tudo que eu aprendi não seria forte pra *mim* sobreviver. Guardei o amor, o carinho e tampei dentro do coração e me entreguei pro crime. Por eu não ter um pai, eu achei que não poderia *machuca* minha mãe tanto assim, mas *acha* não é ter certeza. Minha mãe, como não *aceitou*, fiquei um tempo com a minha vó, com a minha tia e acabei indo *mora* no Rio de Janeiro, mas voltei pra casa da minha tia. Só que eu continuei na mesma forma. O tempo foi passando até *chega* uma notícia que abalou meu pensamento. Perdi a pessoa que eu mais amava na vida. Então já não parava mais nas casas dos meus familiares, até eu conhecer uma menina. A mãe dela me deu um apoio, me ajudou, me levou pra *mora* com ela e isso foi um apoio que eu achei na minha vida. O tempo foi passando até eu *ganha* uma boa notícia, que eu ia ser pai. Corri e contei tudo pra minha família que sempre me apoiou. Eles me ajudaram com a *perca* da minha mãe, me ajudaram com muitas coisas, mas não tinha como eu querer *tampa* o sol com a peneira. Pude *curti* todos os momentos da gravidez e pude *curti* a vida de ser pai, mas os altos e baixos *me fez eu* ter que *continua* na vida errada, até que um dia a minha casa caiu. Eu ainda era *de menor*, mas não deu tempo de *corre*. Os *polícia*

veio e não deu tempo de fazer nada. Rodei no art: 33, quando deu 5 dias fui no julgamento e tomei *sansão* de 3 *mesês*. De lá me mandaram pra um abrigo. Saí fora de lá, me deram uma oportunidade mas eu *fui*. O tempo ia passando e as dores *ia almentando*. Lembrava que tive dias de glória e eu estava em dias de luta. Lembrava dos dias que pude *passa* ao lado da minha mãe, como era bom *acorda* e ver o café na mesa. Podia não ter algo a mais pra *coloca* na mesa, mas tinha amor. Na hora do almoço podia não ter arroz e feijão, mas tinha amor. Tudo que ela fazia era com amor e eu não dei valor. Se a morte tivesse data e hora pra cada um, talvez não ia ter tanto ódio, tanta raiva, brigas entre família. Mesmo com a vida toda fudida, eu ainda encontrava motivos pra sorriso *a meio* da dor. Se eu pudesse falar de todas as minhas *lágrimas já foram*, eu não saberia *explica* que todas iriam *bate* na mesma tese. Mas firmei as pernas e não podia *corre* o risco de faltar em casa, mesmo *forajido*, eu tinha que ajudar a mulher que esperava um filho meu, *mais* não foi do jeito que eu esperava. *Durmi* mais que a cama e eles invadiram onde eu estava. Acordei com uns barulhos e quando fui ver, já estava tudo cercado. *Corre* pro banheiro e joguei toda a carga de droga no vaso. Subi na pia e tentei *corre* pro fundo do lote, mas *escultei* um grito que *me manda eu parar*. Eu olhei pra trás e *o polícia* estava com a arma na mão. Ele falou que ia *atira* e eu pensava que não, que eu não podia *volta*, meu filho estava pra nascer, faltava um mês pra ele *vim*. Minhas pernas *tremeu*. Era eu ali parado, a um passo pra *corre* e o policial a poucos metros pra me *dá* um tiro e veio minha namorada falando que era pra *mim deita* e *se entrega*. Foi aí que eu me entreguei. Depois de *aljemado*, ela veio e me deu um beijo. Me colocaram dentro da viatura. Por ela ser *de menor*, eu só recebia cartas e fotos dela e do meu filho por algum tempo. Eu tinha achado que era tempo de parar e mudar

pra *cuida* da minha nova família. Depois de 7 meses eu *sair* e as coisas *estava* pior. E faltava pouco tempo *pra mim fica de maior*, então tentei fazer tudo o mais rápido possível antes dos meus 18, mas não deu. O dinheiro era pouco e já estava faltando 1 dia pros meus 18 anos, então apertei o botão do fudas e fiquei no corre *já de maior*. Até que não foi fácil, mas pude fazer o tempo, *ajuda* dentro de casa. Até que chegou um dia, durante o sono, que eu sonhei com minha mãe. Ela tava falando pra *mim para*. Acordei assustado, mas era um sonho. Olhei as horas, era cedo, 5:15 da manhã. Tomei um banho e me alimentei esperando a hora *pra mim ir* pro corre. Já estava tudo esquematizado, coisa de minutos e eu tava cheio de dinheiro, mas saiu tudo errado. A *casa caiu* e lá estava minha cara no Balanço Geral, sendo chamado de ladrão. Fui pro *seresp* e de lá fui pra dutra e chegou a notícia que minha namorada me abandonou e ainda entregou meu filho pra minha família poder *cuida*, sem condições. Dentro da cadeia tinha que tentar *ajuda*, pelo menos em uma pouca ajuda. Fiz o que não queria e depois de um tempo pude ver que mesmo eu sendo novo, poderia *ajuda*. Dessa forma eu acabei passando por um momento ruim que sei que um dia vai acabar. Hoje eu pude ver que nem tudo é da minha própria vontade. Que tudo é da vontade de Deus. Sinto saudade da minha família e do meu filho. Cadeia não é lugar de recuperação, engaiolado, pior que um animal, sem sol, sem futebol, sem visita. Ainda penso que vou sair daqui de dentro, a agonia *alimenta* cada dia que passa.

Se hoje eu sou considerado como bandido, não é culpa das pessoas que amo, porque foi a minha atitude que me *trosse* pra esse lugar. *Foi os* meus erros. E se eu puder ter uma nova chance, espero que eu esteja pronto pra *agarra* ela, *por que* é difícil, é um caminho estreito. O mundo é um caminho largo,

ele te *da* um tanto de coisa: mulher, dinheiro, fama, poder, carros, luxo e tira o bem mais raro que você tem na vida: a liberdade. E até a vida. Isso é se você não *caí* em uma cadeira de rodas e ter que depender das pessoas. E essa é a minha vida, que corro os riscos de tudo *pode* acontecer: ficar rico ou tentar e lutar pra não *morre*. Mas tenho fé em Deus que eu ainda posso mudar pelo amor e não pela dor.

Todos os dias lembro da minha mãe. Se ela estivesse viva ou eu estaria de boa, longe do crime ou nem sei o que eu *estava* fazendo. Ela era meu *alicesse*, o meu chão, mas *perdi ela* e sei que ela está com Deus, orando por mim, pedindo a Ele que não *deixa* que minha luz se *apaga!*

Esteja em paz, minha mãe guerreira, amiga, meu anjo, minha estrela que brilha todas as noites. Ainda vou ser um orgulho pra senhora que está no céu e pro filho que está na terra, me esperando com vontade de me *chama* de pai.”

Maurício (nome fictício).

Observação importante: Quinze dias após a entrega dos trabalhos, Maurício (nome fictício), o rapaz que escreveu esta última carta, morreu dentro da cela onde estava. Procurei o trabalho dele, pois queria saber para quem ele havia escrito a carta de perdão, para poder encaminhá-la à pessoa. Li e percebi que era para a mãe, que ele tinha perdido ainda menor. Por trinta dias o corpo esperou que alguém fosse reconhece-lo, mas isso não aconteceu. A última atividade que este rapaz me entregou fala sobre a sua infância, as lembranças da escola, o amor pelas professoras e as suas aulas diferentes, como excursões, piqueniques. Só que ele saiu cedo da escola, saiu cedo de casa, conheceu o crime ainda cedo e bem cedo ele

partiu. Resolvi deixar a escrita com os erros de grafia, tal qual a carta foi redigida, pensando nos livros da Carolina Maria de Jesus, que apesar dos erros gráficos, são irretocáveis e trazem muito do seu contexto de vida.

Espero que a história que o Maurício (nome fictício) deixou, inspire jovens em seus caminhos. Em seus escritos, ele sempre dizia que ainda seria um orgulho para a mãe. Que este fragmento da sua existência, transcrito aqui, impacte o maior número possível de vidas. Este texto é dedicado a ele, à sua mãe e ao seu filho.

Parte do que somos



cultural

tiofaviocultural.com.br



ARTE IMPRESSA EDITORA

www.artepressaeditora.com.br

clubearteimpressa@gmail.com

Publique seu livro conosco!